CHUMBO GROSSO

Punhos de AÇO

W. P. FORBES

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 13

TÍTULO: PUNHOS DE AÇO

CAPA: BENICIO

AUTOR: W. P. FORBES

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1982

CHUMBO
GROSSO

PUNHOS DE AÇO

W. P. FORBES

Capa de BENICIO

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, n° 81
Caixa Postal n 24.119 – ZC-09
20.550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA

MCMLXXXII Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Decisões resultam de impactos

Segurando um telegrama e sentado na beirada da cama do quarto de um hotelzinho de Walton Creek, no Wyoming, o jovem Sam Giles respirava com dificuldade e apertava de vez em quando os olhos para expulsar as lágrimas que o faziam ver tudo embaçado.

Morava em condições inferiores para economizar dinheiro, ter com que se alimentar e encomendar do Leste os livros de que necessitava para continuar os seus estudos com um velho professor aposentado, ali residente, que não lhe cobrava um centavo pelas aulas.

"Eu devia ter tentado com mais boa vontade entender e ajudar Moses", pensou, arrependido de ter hostilizado o seu irmão xerife, morto no cumprimento do dever, como informava aquele telegrama.

Moses Giles fora um rapaz especial, cheio de princípios severos, alto e forçudo, com excepcional capacidade para usar armas de qualquer tipo, uma habilidade que, juntamente com sua retidão de caráter, fez dele o cidadão mais respeitado e acatado de Doodle, um povoado d: granjeiros, no mesmo estado de Wyoming.

Desde pequenos os irmãos Giles, por alguma ironia do destino, foram as duas criaturas mais desafetas e de gostos mais contrastantes de que se tem notícia. Moses, sempre

combativo e destemido, frequentador assíduo da igreja protestante local e comparável ao pai, o rancheiro e pregador Josiah Giles. Jamais conseguira entender a índole do seu irmão caçula Sam, de forte inclinação para os estudos, dado a mulheres de vida fácil e tolerante com as falhas alheias, por piores que fossem, avesso aos postulados religiosos e sem a menor tendência para as fainas rancheiras.

Todos, no povoado de Doodle, não entendiam os irmãos Giles, principalmente o rancheiro Nestor Holmes, grande amigo de Josiah Giles, que reprovava frontalmente o comportamento de Sam e, quando este chegou aos dezoito anos, fez cerrada oposição ao namoro do rapaz com a sua filha Nancy, tentando convencê-la de preferir Moses, o seu predileto.

Porém essa oposição de nada serviu e os jovens continuaram o namoro até que se desentenderam, ou descobriram não ter nascido um para o outro, afastando-se definitivamente.

O rompimento entre Sam e Nancy motivou diversas interpretações, não faltando os que criticassem o rancheiro Holmes como culpado, e também os que insinuaram ter Moses tomado a namoradinha do irmão, pois ela passou a andar com ele pela única rua de Doodle, sempre que ia às compras. O fato se prendia ao ter sido Moses eleito xerife do lugar e julgar-se no dever de escoltar a bonita jovem, porque o povoado se tornava cada vez mais o foco de indesejáveis vindos de outras regiões do Estado. Nunca a um caso amoroso, mas a língua do povo não tem contemplações e isso acabou motivando forte atrito entre os dois irmãos, que chegaram às vias de fato, esmurrando-se diante de todos, no saloon cuja proprietária, Sheila Moore, mantinha relações muito íntimas com Sam Giles.

Muita gente atribuiu o agravamento da doença cardíaca do velho Josiah a esse incidente e Sam, sentindo-se culpado, resolveu sair do povoado, mudando-se para Watson Creek, onde o professor Alfred Hendrix lhe acenou com a perspectiva de alcançar depressa o que ele mais cobiçava: cultura geral.

— Entre Nancy e eu não existe mais que boa camaradagem e o meu desejo de garantir-lhe proteção sempre que ela vem ao povoado — argumentou Moses Giles, em um último esforço para convencer o irmão caçula de não partir em busca de conhecimentos gerais. — Sou capaz de jurar sobre os túmulos dos nossos pais.

— Isso não modificará a minha decisão — rebateu Sam, evitando olhar de frente o irmão mais velho e xerife de Doodle — Não é por ciúmes que estou de partida.

— Sam, os ossos do pai hão de se agitar na sepultura por causa dessa sua atitude — continuou Moses. — Ele empregou a melhor parte de sua existência e mamãe se sacrificou até sucumbir, para terem o rancho que nos deixaram e não devemos tripudiar sobre tantos esforços e sonhos abandonando as nossas terras.

— Por que não desiste da mania de representar a Lei e vai cuidar do rancho? — cortou Sam, agora olhando-o nos olhos. — Adota dois pesos e duas medidas, hem? Considera fácil eu desistir do que mais quero para dirigir nossa propriedade, mas nem de longe considera a possibilidade de largar esse cargo para fazer o mesmo. Seria capaz de entregar essa estrela para cuidar, comigo, do que é nosso?

— Meu cargo não me impediria de colaborar com você, enquanto que, estando ausente de Doodle, você nada poderá fazer por nós.

— Engraçado...? — sorriu Sam, zombeteiro. — Sempre o melhor para você. Além de ficar com Nancy, conservaria

o seu honroso cargo, enquanto eu, o eterno relegado a segundo plano, abdicaria da mulher e dos ideais, para...

— Como pode referir-se a Nancy como... mulher? — cortou Moses, revoltado. — Ela é uma moça direita que...

— Falta de cultura — sorriu Sam, desdenhoso. — A palavra mulher define o ser humano de sexo feminino e não especificadamente "mulher da vida", "uma qualquer", Moses. Foi no bom sentido, vernacular, que empreguei o vocábulo.

— Sempre ostentando conhecimentos inúteis! — disse Moses, não se conformando, mais por espírito hostil do que por não entender a justificativa correta do irmão caçula. — Seja como for, a verdade é que não estou querendo ficar com Nancy e que, conservando o meu cargo, poderia colaborar ativamente para o desenvolvimento do que herdamos, e que a sua partida significará a falência total do rancho.

Sam Giles andou de um lado para outro, na delegacia, até plantar-se diante do xerife, seu irmão, e soltar:

— Sinto muito, Moses, mas não voltarei atrás de minha decisão. Irei para Watson Creek ampliar os meus conhecimentos. Talvez um dia volte advogado, ou com alguma posição destacada, para...

— Para se exibir aos olhos de Nancy e dos homens simples deste lugar.

— Não seja cretino! Rompi com Nancy por motivos que só a nós dois dizem respeito, e exibir-me para os estúpidos deste lugar seria a última coisa que me viria à mente. Minha visão da vida é bem mais ampla do que o seu cérebro limitado poderá supor. Quer saber de uma coisa? Passe bem! Está na hora da diligência e não tenciono perdê-la.

Dando meia-volta, Sam Giles saiu da delegacia, deixando o irmão sucumbido, entre decepcionado e revoltado com o seu comportamento.

Sempre o caçulinha estragado por mamãe! — pensou Moses, levantando-se para ir à janela. — Sem desrespeitar a sua memória, não posso deixar de lhe atribuir a culpa por tudo que esse cretino tem feito.

A diligência partiu, com um grito estridente do cocheiro e o estalo do chicote, no ar, passando diante da delegacia. Os irmãos Giles se olharam inexpressivamente e Sam pensou: Acabará os seus dias com uma bala na cabeça, ou nas costas, por desperdiçar a vida lutando pelos interesses de gente que não se importa com ele. Arrependeu-se em seguida de ter feito tão mau presságio, pondo de fora a cabeça e virando-a depressa para conseguir uma última visão do irmão mais velho.

Moses Giles, ainda de pé à janela da delegacia, testemunhou esse seu gesto e sorriu com tristeza, murmurando:

— Vá com Deus, Sam. Que ele te proteja.

A diligência se afastou envolta em grande nuvem de poeira avermelhada.

Agora, Sam Giles tinha nas mãos a confirmação do seu terrível presságio e lamentava amargamente tê-lo feito à sua partida de Doodle, ponderando sobre se esse seu pensamento negativo não poderia ter contribuído para a morte do irmão.

— Sou culpado! — resmungou, levantando-se e enxugando na manga da camisa as lágrimas do rosto.

Desesperado, sem saber o que fazer, saiu do quarto e foi ao barzinho do hotel tomar uísque para afogar o dissabor na bebida. Sorveu algumas doses e, quase uma hora depois, julgou ter encontrado a solução para a sua vida: voltaria a

Doodle, venderia o rancho a Nestor Holmes, pai de Nancy, e, com o dinheiro, se mudaria para o Leste, onde o campo cultural era incomensuravelmente grande.

— Vou consultar o professor — grunhiu, saindo do barzinho.

Alfred Hendrix não gostou de vê-lo meio alcoolizado, mas, como de costume, furtou-se a fazer comentários a respeito e convidou-o a entrar e sentar-se numa poltrona da salinha de sua casa, instalando-se em outra, diante dele.

— Nota-se que teve alguma contrariedade muito séria — sondou, com simpatia.

Sam Giles estendeu-lhe o telegrama, que ele leu de fisionomia contraída.

— Sinto muito, Sam. Que pretende fazer?

— Vender o rancho e mudar-me para o Leste. Que acha, professor?

Alfred Hendrix coçou a cabecinha branca, como era seu hábito quando devia tomar alguma atitude importante, e rebateu:

— Isso é coisa que só você poderá decidir, Sam. Caberá unicamente a você saber se vale mais a pena instruir-se no Leste, para se tornar advogado, escritor, político, ou coisa parecida, ou, então, desistir dos seus propósitos intelectuais e cuidar da sua herança para se tornar um rancheiro poderoso e influente em Doodle.

Sam Giles, afetado pelo álcool, custou para raciocinar. O máximo que conseguiu foi de novo recorrer ao juízo do mestre, indagando:

— O senhor, que faria?

— Bem — sorriu o mestre, ajeitando-se na poltrona. — Nem uma coisa, nem outra. Estou velho para fazer esse tipo de escolha. De qualquer modo, não poderia ambicionar mais cultura, na minha idade, e, por ser idoso, não me

arriscaria a tomar nas mãos as rédeas de uma propriedade como a sua.

— Estou perguntando o que faria se estivesse no meu lugar.

— Aí, as coisas mudariam de figura, Sam. Cultura, a gente pode acumular lendo, mas um rancho como o seu a gente só consegue após muito batalhar por ele.

— Está querendo dizer que seria melhor eu voltar, para tomar posse de tudo, e apenas ler nas horas vagas?

— Por que não? — Olhe para mim e terá a visão de uma das muitas possibilidades de um homem culto. E não sou nenhuma exceção, Sam. Todos, no Leste, têm fácil acesso aos conhecimentos. No entanto, pouquíssimos são realmente vitoriosos, destacam-se dos demais, conseguem fama e riqueza empregando sua cultura. Há um versículo bíblico que se aplica por inteiro, com muita propriedade, aos que buscam subir baseados nos conhecimentos de humanidades; muitos serão os eleitos, mas poucos os escolhidos.

— O senhor nunca me falou nesses termos! — protestou Sam, com uma rispidez que jamais usara diante do mestre, sem dúvida por estar meio alcoolizado. — Nunca me desencorajou!

O bondoso velhinho sorriu com simpatia.

— Eu entendo o seu ressentimento, Sam. Mas deverá levar em conta que nada me garantia não ser você um desses poucos escolhidos. Por isso eu me senti no dever de não o desencorajar. Agora, diante da possibilidade. de vê-lo repentinamente transformado em poderoso rancheiro, por herança, a consciência me faz ser franco a respeito e mostrar-lhe as duas faces da medalha. Você poderá ser, ou não, um desses escolhidos para vencer pela cultura, mas já é, para todos os efeitos, um vitorioso como rancheiro, por

ser dono de uma grande propriedade com admirável rebanho em terras férteis. Eu estaria intervindo indevidamente na sua sorte se continuasse insistindo para que se apegasse aos livros, esquecendo essa grande oportunidade de vitória que se abriu com o passamento do seu único irmão. Por isso mesmo eu lhe disse, de início, que somente a você caberia a escolha.

— Entendo — murmurou o rapaz, sentindo-se desamparado — Vou ser franco: ainda não sei o que fazer.

— É natural, filho. As grandes decisões não podem ser tomadas sem muita ponderação. Espere passar os efeitos do uísque e pense seriamente no assunto, não se esquecendo de me informar — seu sorriso simpático se ampliou.

Sam Giles assentiu com a cabeça, sentindo as pálpebras pesadas em razão da bebida.

— Vou dormir um pouco.

— Faça-o aqui, filho. Sou sozinho, como sabe, e ninguém virá importuná-lo enquanto dorme. Na verdade, já cansei de insistir em que viesse morar comigo, para me fazer companhia.

Enquanto falava, o bom velho segurava as pernas do rapaz pelos canos curtos das botas, colocando-se sobre outra poltrona, que ele arrastou.

— Fique à vontade — disse, afastando-se.

Sam Giles mergulhou instantaneamente no mais profundo sono.

Quando despertou, horas depois, o professor Hendrix estava sentado diante dele, olhando-o com ternura.

— Sente-se melhor?

Sam Giles emitiu um gemido rouco e tirou as pernas de cima da outra poltrona, se espreguiçando.

— Pode dizer que fiz um papelão — resmungou. — Demonstrei não ter gabarito suficiente para sofrer um abalo.

— Foi natural, Sam. Sentiu-se sozinho e recorreu ao uísque. Eu também já fiz isso, e não foi uma só vez. Vou buscar um café forte e amargo.

Sam não disse nada e o velhinho foi buscar o bule, com uma caneca.

— Já sei o que vou fazer — disse o rapaz, recebendo a caneca com café. — A morte de meu irmão não me obriga, necessariamente, a voltar correndo para Doodle. Darei tempo ao tempo e continuarei estudando com afinco, até sentir-me capaz de uma decisão acertada.

— Correto — aprovou Hendrix, satisfeito. — Demonstra ser, um rapaz ajuizado. Seria bom para ambos você se mudar para cá. Estaria o tempo todo perto dos meus livros e me faria companhia. Que tal?

Sam sorriu.

— Ótima idéia, professor. Sozinho naquele quarto, eu acabaria desesperado, talvez...

— Talvez se embriagando diariamente para afastar a solidão.

— Exato. Posso ir agora mesmo buscar as minhas coisas? São poucas.

— Que fossem muitas, Sam. Tenho um bom quarto vazio, que será seu.

Naquele mesmo dia Sam Giles se mudou para a casinha de Hendrix, e durante semanas ambos se sentiram mutuamente apoiados, com o rapaz mergulhado o tempo todo nos livros e consultando a miúde o seu mestre.

Certa manhã, pouco antes do almoço, tendo ido aos armazéns gerais a pedido de Hendrix para comprar umas coisas, Sam Giles foi abordado pelo dono do hotelzinho, que lhe disse:

— Giles, um homem esteve no hotel à sua procura. Eu disse onde você se encontrava, mas ele não quis ir logo à casa do professor, afirmando que voltaria mais tarde.

— Quem é esse homem:

— Disse que se chama Lorne, que já foi vaqueiro do rancho de seu pai. Deixou um embrulho vultoso, declarando conter coisas que pertenceram ao seu irmão xerife... assassinado.

Sam franziu a testa.

— Um embrulho... — murmurou. — Onde está esse embrulho? — alteou a voz.

— Na portaria do hotel. Vou buscá-lo. Não o trouxe porque vi você entrar aqui e temi que saísse em seguida, havendo um desencontro. Vim correndo avisá-lo.

— Obrigado, Clayton. Vamos ver esse embrulho.

Saíram dos armazéns gerais e foram ao pequeno hall do hotelzinho, onde Clayton lhe entregou o embrulho.

— Posso usar aquele quarto que foi meu, para examinar o conteúdo e esperar por Lorne?

— Naturalmente, Sam! — sorriu o simpático Clayton. — Fique pelo tempo que quiser e saiba que não lhe custará nada. Amigo é para essas coisas.

— Obrigado.

Sobraçando o grande embrulho, Giles subiu a escada e meteu-se no seu antigo quarto. Depositou o embrulho na cama e sentou-se nela, abrindo-o.

Meia hora depois bateram na porta e ele foi atender.

— Oh... Lorne... Entre.

O vaqueiro entrou e olhou, com expressão triste, para as coisas que estavam cm cima da cama. Eram as que haviam pertencido ao xerife Moses Giles e ele tomara a iniciativa de trazer para Sam: dois cinturões-cartucheiras com os respectivos Colt de serviço, uma faca de mato e a

estrela de prata. Nos tambores dos revólveres havia quatro estojos de balas disparadas. Plantando-se junto dessas coisas, Lorne afirmou:

— Foi uma emboscada sórdida, Sam. Coisa de bandidos. Seu irmão resolveu seguir os rastros das montarias desses homens e não aceitou acompanhantes, afirmando ser ele suficiente para uma tarefa tão simples e rotineira na vida dos xerifes.

Tirando do bolso um envelope, acrescentou:

— Deixou esta carta escondida numa gaveta daquele velho armário que você e ele levaram para cima do forro do rancho, há muitos anos, e usavam como esconderijo em suas brincadeiras de criança.

Sam Giles pegou o envelope e Lorne continuou:

— Desde que deixei de trabalhar no Rancho Giles e fui para o Rancho Holmes, logo após a sua partida de Doodle, falei poucas vezes com Moses. Nós nos encontramos casualmente nos armazéns gerais do povoado, dias antes de ele morrer. Conversamos muito. Notei que Moses se tornara um rapaz triste, pessimista, por causa da sua ausência. Durante essa conversa ele me pediu que se algo lhe ocorresse eu procurasse naquele armário essa carta, entregando-a a você imediatamente. Porém os meus deveres como vice-capataz dos Holmes me impediram de viajar em seguida.

Enquanto Lorne falava, Sam Giles ocultou discretamente o envelope sob o travesseiro. Preferia ler a carta sem o testemunho de terceiros. Além disso, a leitura imediata não ressuscitaria seu irmão.

— Como vão os Holmes?

— Bem.

— Sua cara não indica boas coisas, Lorne.

O vaqueiro encolheu os ombros, mas acabou soltando:

— Trata-se de Jess Martin. Ele sempre se interessou por Nancy como você está cansado de saber, pois foi esse o motivo para vocês se esmurrarem como loucos, em plena via pública, naquela noite, ambos embriagados. A despeito de estar bêbado, você levou a melhor e Jess saiu bem machucado. Até hoje tem na face esquerda a cicatriz daquele pontapé que você lhe deu na cara quando ele tentou usar a faca de mato para acabar com você, durante a luta, como o covarde e traiçoeiro que sempre foi.

— Eu podia tê-lo desarmado sem cometer essa brutalidade.

— Não, Sam, ninguém consegue tirar uma faca da mão de um alucinado, principalmente quando ele está cheio de bebida e disposto a tudo. Todos, em Doodle, estão do seu lado. Mas, como eu estava dizendo, ele sempre se interessou por Nancy e, com a morte de Moses, que a protegia dos maus elementos, esse cretino passou a cortejá-la com irritante insistência, chegando a visitá-la algumas vezes em seu próprio rancho, onde desafiou o velho Holmes. O velho expulsou-o do rancho com a ajuda de alguns vaqueiros, incluindo eu, e ele fez ameaças, com acusações que deixaram Holmes furioso.

— Acusações...?

— Exato. Antes de se afastar, a cavalo, gritou para o rancheiro que ele sempre empurrou a filha para os seus braços e para os de Moses, ambicionando conseguir, com isso, apoderar-se daquelas terras dos Giles por onde passa o riacho necessário às suas reses.

— Canalha!

Olhando-o nos olhos, Lorne soltou o que estivera atravessado em sua garganta:

— Isso, e o abandono em que se encontra o Rancho Giles, torna necessária a sua volta, Sam.

O rapaz franziu a testa e deu uma volta pelo quarto, pensativo. Depois parou diante do velho vaqueiro, encarando-o para declarar:

— Lorne, desde que recebi o seu telegrama informando sobre a morte de Moses em serviço, eu tenho travado a maior luta íntima, sem saber se devia continuar os meus estudos ou voltar para Doodle. Mas ao ficar sabendo por você, agora, que ele foi vítima de uma sórdida emboscada e que Jess Martin está perseguindo Nancy a ponto de ofender o senhor Holmes, acusando-o de usar a filha para ampliar as suas terras, não tenho mais dúvidas sobre o que fazer.

— Você vai voltar? — quase gritou Lorne, empolgado.

— Breve, Lorne. Primeiro terei de resolver certos assuntos pessoais aqui em Watson Creek. Quando você pretende voltar?

— Hoje mesmo, Sam. Foi um custo para conseguir do velho Holmes uma licença de três dias, porque está na época da marcação de novilhos e ele não quer deixar nem ao menos um sem ser marcado, porque tem ocorrido sumiço de reses.

— Eu entendo. Faça-me um favor, Lorne. Caso chegue antes de mim a Doodle, não diga a ninguém que eu... Você disse que vinha avistar-se comigo, aqui em Watson Creek?

— Não. Afirmei que precisava visitar uns parentes e nem declarei em que lugar. Mas notei que Nancy me olhava com expressão marota. Essa garota é uma águia, Sam.

— É verdade. Como eu estava dizendo, não revele a ninguém que pretendo voltar. Combinado?

Apertaram-se as mãos e Lorne saiu, descendo a escada, tomou um gole de uísque no barzinho do hotel e daí a minuto montou, partindo em seguida.

Sam Giles deixou o hotel pouco depois, com o embrulho das coisas que haviam pertencido ao irmão assassinado, e foi para a casa do professor Alfred Hendrix, a quem pretendia comunicar sua decisão de voltar para Doodle e assumir a direção da imensa propriedade que herdara.

CAPÍTULO SEGUNDO

Negava-se a usar os punhos

O vaqueiro Lorne manteve a sua palavra e não disse nada em Doodle, sobre sua entrevista com Sam Giles em Watson Creek.

— Que houve com esses seus parentes, de tão urgente, que fez você sair daqui às pressas e voltar três dias depois, muito ressabiado? — indagou de repente Nancy Holmes, olhando-o nos olhos.

Lorne aguentou o seu olhar firme e demonstrou ter completo domínio dos nervos, mantendo-se calmo quando frontalmente interrogado, encolhendo os ombros e rebatendo, com absoluta naturalidade:

— Problemas de família, Nancy. São dessas coisas que a gente não quer revelar nem aos amigos mais chegados.

— Algum problema grave?

— Não muito. Você sabe como são essas famílias criadas longe de tudo e de todos, apegadas à terra como se não houvesse nada mais além dela.

— Ah... Brigas por questões de terras, como entre os rancheiros de Doodle por causa da área em que fica o riacho?

Ele sorriu, agarrando-se a essa deixa da loura.

— Exatamente. Só que lá a briga é por um pedacinho de chão que não vale o trabalho de cultivar. Mas a coisa já foi resolvida e a paz voltou ao lugar.

— Onde fica isso?

Ele contraiu ligeiramente a fisionomia, colhido de surpresa. Mas novamente mostrou ser inteligente, rebatendo:

— Um lugarejo que nem tem nome, formado por um grupo de ranchinhos minúsculos — afirmou. — Fica no caminho entre Doodle e Watson Creek — acrescentou, depressa, para o caso de alguém afirmar tê-lo visto cavalgando nesse caminho.

— Ainda bem que tudo ficou resolvido — sorriu a loura, virando-se para sair da porta do curral. — Alguma notícia de Sam, nesse... lugarejo sem nome?

Ele franziu a testa, mas logo sorriu com naturalidade.

— Por que alguém saberia dele em um lugar como aquele, Nancy? A esta altura, Sam já pode estar lá no Leste, estudando para ser escritor.

— É... — disse ela, afastando-se.

Lorne respirou fundo, pensando que aquela garota era uma das criaturas mais difíceis de se enganar. Sua pergunta, sobre se tivera notícias de seu namorado, deixava claro que não acreditara totalmente em suas declarações. Encolheu os ombros e continuou selecionando os ferros para a marcação dos novilhos na manhã seguinte.

* * *

Thorne, o proprietário e barman do "Luck", único saloon de Doodle, arqueou as sobrancelhas e logo armou um grande sorriso, quando as folhas da porta de vaivém se

agitaram às primeiras horas da manhã, para entrar Sam Giles.

— Bom-dia, Thorne.

— Sam...! Você, por aqui...?

— Os vivos sempre aparecem. Continua vendendo a pior cerveja da União?

— A mesma cerveja excelente que você sempre adorou tomar — rebateu Thorne, providenciando depressa um caneco de cerveja. — Sabe, Sam? Todos sentimos demais a perda de Moses. Foi o melhor xerife que tivemos, nos últimos dez anos.

— Moses era ótima pessoa.

— E os estudos, Sam?

— Bem adiantados.

— Voltou para ficar...?

Sam Giles olhou-o demoradamente, fazendo sentir-se deslocado diante dele.

— O destino a Deus pertence, Thorne. Ainda tem aqueles quartos imundos para alugar, ao lado?

— Quartos limpos e cheirosos, no melhor hotel de Doodle.

Sam deu uma risadinha.

— O único de Doodle, Thorne. Quanto a isso de os quartos serem os mais limpos e cheirosos, depende muito dos olhos e do nariz de cada um. Eu tenho as duas coisas capazes de aguentar qualquer coisa. A chave... — estendeu a mão.

Thorne pegou em uma tábua cheia de ganchos com chaves uma delas e, entregando-a ao rapaz, afirmou:

— Quarto nupcial. Número um.

— Pena que eu não tenha uma nubente para aproveitar... — rebateu Sam, agora de bom humor, transpondo uma

porta lateral que dava para o diminuto hall do hotelzinho anexo ao "Luck", do mesmo nome.

Subiu ao quarto indicado e se atirou na cama vestido como estava, tirando delicioso cochilo que o refez um pouco da longa cavalgada desde Watson Creek. Eram quase oito da noite quando ele despertou e desceu, fazendo uma refeição ligeira no pequeno refeitório do hotel. Depois entrou no saloon e foi para a pequena sala de jogo, aos fundos do estabelecimento, causando muito espanto entre os que ali se encontravam.

A jogatina foi momentaneamente interrompida, porque todos queriam felicitá-lo por sua volta e dar-lhe os pêsames pela morte do irmão. Passada essa fase convencional que todos têm de suportar quando voltam ao torrão natal, ele se instalou a uma mesa de pôquer, mergulhando em uma partida com apostas muito baixas. Fez parceria com um vaqueiro dos Holmes, contra uma dupla nova no povoado, que ele desconhecia. A certa altura, um dos oponentes ficou olhando ostensivamente para ele e soltou:

— Para quem esteve fora por tanto tempo, segundo dizem, você está muito afinado com o seu parceiro.

— Quando dois jogadores jogam bem, sempre formam ótima parceria — sorriu Sam Giles.

— Ou quando conhecem velhos truques — provocou-o frontalmente o indivíduo.

— Tem razão. O pôquer, como a maioria dos jogos de cartas, é cheio de truques — declarou o rapaz, sem se alterar. — Mas Dan e eu não temos truques, nem novos nem antigos. Apenas estamos com um pouco de sorte. Full hand de três noves e dois reis.

O indivíduo apertou os lábios e retirou lentamente a mão direita de cima da mesa, mas se imobilizou porque Thorne, aproximando-se dele por trás, falou com dureza:

— Nada disso, Prudel. Quem não sabe perder não deve frequentar a minha casa. Se eu fosse você, manteria a mão bem longe da arma.

O tal Prudel jogou na mesa a sua mão de cartas e se levantou, retirando-se em seguida.

Outro indivíduo tomou o seu lugar e a partida continuou. Sam sorriu para Thorne, que retribuiu de igual modo e se afastou para cuidar de outros problemas do seu estabelecimento.

Muita gente entrou na pequena sala de jogo para vero rapaz e se convencer da sua presença, fazendo os mais contraditórios comentários. Os mais decentes e otimistas falavam da possível fixação de Sam em seu rancho e até de sua nomeação para substituir o irmão como xerife de Doodle, mas os mal-intencionados afirmavam que com toda probabilidade ele só voltara para se desfazer de tudo e desaparecer com o dinheiro da venda. Porém nenhum destes teve coragem para falar abertamente, em voz alta, e a noite transcorreu sem outros incidentes para o rapaz, que se retirou por volta das três da madrugada, com pequeno lucro, e foi meter-se na cama.

Sam Giles parecia não ter a mínima pressa de resolver a questão da herança, pois dormiu pesadamente até às dez da manhã, descendo para o café após demorado banho de tina que lhe preparou o simpático Thorne, um homem que parecia infenso ao sono e ao cansaço.

Talvez por ironia da sorte, assim que saiu à rua, Sam topou com o rancheiro Nestor Holmes, que estava acompanhado de dois vaqueiros do seu rancho e se dirigia para uma carroça cheia de sacos vazios.

— Sam...!

— Olá, senhor Holmes. Bom-dia.

— Eu ouvi a notícia da sua volta, mas não acreditei.

— Por que, senhor Holmes? Qualquer um pode voltar ao seu torrão natal.

— Tem razão — admitiu Holmes, sem jeito. — É que... Esqueça.

— A franqueza só desagrada aos faltosos, senhor Holmes. Pode terminar o que estava para dizer.

Nestor Holmes encarou-o demoradamente.

— Para ser sincero, Sam, eu pensei que você fosse nomear um procurador, ou coisa parecida, com a incumbência de vender o Rancho Giles e...

— E viver um vidão no Leste, com o dinheiro da venda.

— Bem... — desconcertou-se ainda mais Holmes.

— Continua interessado naquela área do rio? — soltou de repente o rapaz.

— Claro que sim! Por quê?

— Porque necessito de dinheiro e estou disposto a vender-lhe aquela área... digamos, por cinco mil dólares.

— Cinco mil!

— Não me diga que acha muito, senhor Holmes — declarou o rapaz, com um sorriso zombeteiro. — Vale quase três vezes mais.

— Justamente por isso eu me espantei, Sam. Não quero aproveitar-me de...

— Não se aproveitaria de nada, senhor Holmes — interrompeu-o Sam, sempre com o sorriso zombeteiro. — Eu só estou querendo essa importância, no momento, e não vejo por que especular a respeito. Sei que essa área lhe será de enorme utilidade por causa da água corrente para os seus novilhos, e o senhor me pareceu o comprador mais indicado.

— Posso concluir que tenciona desfazer-se do rancho aos poucos? — sondou Holmes.

Sam Giles soltou uma risadinha.

— Não tire conclusões, senhor Holmes. Prepare os cinco mil dólares e compareça ao cartório assim que tenha essa quantia disponível. Realizará, por tão pouco, o seu velho sonho de possuir as margens do rio.

— Ru posso dispor agora mesmo desse dinheiro.

— Tanto melhor para ambos. Vamos...?

Nestor Holmes acompanhou-o à residência do tabelião Wilfred Barr, em cuja sala da frente funcionava o tabelionato, e foi logo lavrado a escritura de compra e venda, com pagamento imediato do preço.

— Satisfeito? — indagou Sam, sorrindo para o velho rancheiro.

— Muito, Sam. Posso ser franco?

— Deve.

— Eu só espero que esta venda... tão repentina e a tão baixo preço não esteja envolta em segundas intenções.

— Segundas intenções? — repetiu Sam, arqueando as sobrancelhas. — Senhor Holmes, eu até hoje não tive por que me envergonhar de meus propósitos e não seria esta, a primeira vez. Apenas resolvi unir o útil ao agradável, embolsando esse dinheiro e garantindo-lhe o que sempre desejou ter. Por outro lado, essa nossa transação correta servirá para arrolhar muitas bocas.

— Não entendi.

— Ninguém mais dirá que o senhor empurrou Nancy para meus braços, ou para os de meu pobre irmão, para conseguir essas terras.

— Quem ousou dizer uma coisa dessas? — encrespou-se o velho rancheiro, levando instintivamente a mão ao cabo do Colt, no que foi imitado por seus dois vaqueiros, testemunhas da transação.

— Não lhe posso fornecer nomes, porque os desconheço, mas estou certo de que o meu informante não

é leviano e está bem informado. Nem todos os que nos sorriem, em público, são dignos de confiança, senhor Holmes.

O velho rancheiro assentiu com a cabeça e olhou fixamente para o rapaz, dizendo:

— Eu jamais empurraria a minha filha para os braços seja de quem for visando conseguir, com isso, seja o que for.

— Eu sei — ampliou-se o sorriso de Sam Giles. — Do contrário, não lhe teria cedido essa área. Passe bem, senhor Holmes.

— Passe bem — murmurou Holmes, chateado.

* * *

Não tardou para Sam Giles ser olhado com ostensiva antipatia por muitos rancheiros da comarca como se ele tivesse sabido, ao fazer a venda daquela área, quais eram os projetos do rancheiro Holmes, que logo empregou todos os seus peões no trabalho de desviar o curso do riacho de modo a fazê-lo atravessar boa parte de suas outras terras, irrigando os pastos e tornando as águas mais acessíveis ao seu grande rebanho, uma realização que prejudicou muito os outros criadores.

Certa tarde, quando o rapaz saboreava tranquilamente uma cerveja ao balcão do saloon de Thorne, um dos rancheiros se aproximou dele e foi rude:

— O seu irmão preferiu usar métodos elegantes e honestos para tentar conseguir a filha de Nestor Holmes.

Sam Giles largou no balcão o caneco de cerveja e virou-se devagar, para encarar o rancheiro, dizendo:

— Não entendi, senhor Perkins.

— Creio ter sido claro. Moses Giles preferiu cortejar Nancy abertamente, negando-se a comprá-la por um pedaço de terra.

O rancheiro recuou alguns passos, aos tropeções, para cair sentado, com a impressão de ver estrelas, tal a violência do murro que levou no meio da cara. Escorreu um filete de sangue do seu nariz, achatado pelo murro.

— Peça desculpas pela ofensa à honradez de três pessoas decentes, eu, o senhor Holmes e sua filha, ou terei o prazer de matá-lo aos pontapés! — declarou baixo, mas com voz firme Sam Giles, adotando uma postura que facilitaria o primeiro pontapé.

— Sam...! — gritou Thorne, saltando o balcão para segurar os seus braços por trás. — Por favor, resolva a coisa de outro modo!

Sam Giles se livrou de suas mãos, com um safanão, e disse:

— Teve sorte, seu cretino. A intervenção de Thorne me deu tempo Suficiente para pensar e concluir que você não merece o meu enforcamento por matá-lo a pontapés. Mas tenho juízo e não volte a repetir a ofensa, ou eu adorarei ser enforcado.

O rancheiro Perkins se levantou, ajudado por Thorne, e saiu em seguida, enxugando com um lenço o sangue do nariz.

— Sam... — murmurou Thorne, aproximando-se novamente do rapaz. — Não dê ouvidos aos maledicentes.' A maioria, em Doodle, não pensam como esse tolo.

— É o que espero, ou serei capaz de fazer uma limpeza neste lugar — rebateu Sam Giles, com cara de quem falava sério. — Eu fiz a venda justamente para não se dizer por aí, que Holmes tentou comprar-me, ou ao meu irmão, com a filha, para ter aquela área de terra. E porque estava

precisando de dinheiro. Diga a isso a todos que abordem o assunto na sua presença.

— Farei isso, Sam. Agora, acaba de tomar essa cerveja, para eu servir-lhe outra, por conta da casa.

Thorne era hábil conciliador e apaziguador de ânimos. Num instante serviu outro caneco e sorriu para o rapaz, dizendo:

— Meus parabéns pela demonstração de dignidade pessoal e respeito pela dignidade dos Holmes.

— Obrigado — voltou a sorrir Sam Giles, — Por causa do elogio está intimado a tomar uma cerveja comigo, esta por minha conta.

— Combinado!

Beberam juntos. Quando terminaram, Sam saiu do saloon e foi visitar a sepultura do irmão, passando quase quinze minutos mergulhado em recordações da infância e amargurado. Continuava sentindo-se culpado da morte de Moses por não se ter ligado a ele, ajudando-o no rancho e até mesmo em seu cargo de xerife. Ouviu o ruído das rodas de um veículo, mas não se virou para ver do que se tratava. Depois ouviu passos aproximando-se e só virou a cabeça quando estes pararam a alguns metros dele. Arqueou as sobrancelhas, porque eram a senhora Holmes e o seu amigo Lorne, vice-capataz do Rancho Holmes.

— Boa-tarde, Sam — cumprimentou-o Lucy Holmes, com um sorriso simpático. — Eu soube que você havia voltado e tive vontade de vê-lo.

Sam Giles se aproximou dela e se inclinou para beijar respeitosamente a sua mão.

— Obrigado, senhora Holmes. Ê bom a gente saber que conta com a simpatia de pessoas dignas.

Ampliou-se o sorriso da mulher de Nestor Holmes.

— Eu sempre me mantive acima das coisas comuns, Sam. O seu rompimento com Nancy, o que se disse sobre um possível namoro de Moses com ela, e o que se fala a respeito da venda daquela área, por você, a Nestor, em nada afetou a amizade que sempre existiu entre os Giles e os Holmes. Eu até hoje não me refiz da perda que sofri com a morte de Mary — referia-se à mãe do rapaz. — Ela foi a minha única amiga, por mais de vinte anos, até que Deus a chamou.

— Morreu em seus braços... — murmurou Sam, comovido.

— Certo, filho. Há outro detalhe que posso revelar diante de Lorne, porque ele é seu amigo. Embora sem nada dizer, sofri muito quando você e Nancy terminaram o namoro, e... para ser franca, eu depois rezei muito para que ela se interessasse por Moses. Agora, que ele morreu...

Lucy Holmes deixou a frase final por terminar e Sam fingiu não entender, mudando de assunto:

— Veio visitar algum parente falecido?

— Não, Sam, eu vim falar com você. Que tem feito, fora de Doodle e aqui?

— Em Watson Creek, estudei muito, e em Doodle... Bem, em Doodle, eu me divirto para viver uma vida alegre.

— Lembre-se de que me dispus a ser a sua segunda mãe e não me poderá enganar, Sam. Eu sei que anda triste, acima de tudo por temer um encontro desagradável com Jess Martin e com o meu filho Joel. Os dois são amigos inseparáveis e um sempre comprou as brigas do outro.

— Dizer que temo esse encontro não seria correto, caso significasse medo, senhora Holmes. Mas é correto caso signifique o desejo de evitar acontecimentos desagradáveis. Justamente por isso ando sempre desarmado.

— Você é o melhor da comarca, com os punhos — só então Lorne meteu-se na conversa.

As implicações de sua observação eram inoportunas, deixando claro que ele considerava o rapaz capaz de vencer Jess Martin e Joel Holmes ao mesmo tempo, aos murros. Mereceu um olhar reprovador da senhora Holmes e um olhar indefinível de Sam Giles. Soube sair-se bem da situação:

— Eu estava querendo dizer que um homem tão bom com os punhos não precisa andar armado, como eu, que não aguento nem com um gato pelo rabo.

Sam sorriu e a senhora Holmes sacudiu significativamente a cabeça, soltando:

— Se não deseja esse encontro, filho, será melhor você se retirar agora, porque o meu Joel ficou de vir buscar-me no povoado, e talvez venha até aqui, à minha procura. E só anda acompanhado de Jess Martin.

— Obrigado pelo aviso. Posso fazer uma pergunta, senhora Holmes?

— É claro.

— A senhora aprecia Jess Martin?

Ela fez uma cara engraçada, soltando:

— Um pouco impulsivo, por falta de educação, mas não chega a ser uma pessoa ruim. Porém eu aprecio muito mais você, Sam. Em todos os sentidos e com todas as implicações.

Lorne soltou uma risadinha e Sam se inclinou para de novo beijar a mão de Lucy Holmes, só então criticando o seu velho amigo.

— Você hoje está sem sorte na escolha do que faz, Lorne. De qualquer forma, obrigado por me considerar o melhor da comarca com os punhos. Até à vista, senhora Holmes.

Lorne, desconcertado, limitou-se a sacudir a cabeça, e Lucy Holmes desejou, do fundo d'alma:

— Que Deus o acompanhe, filho.

Sam Giles saiu do cemitério, contornando-o para não ter o dissabor de se defrontar com o filho da bondosa senhora Holmes e com o seu amigo inseparável, o irascível e desabusado Jess Martin.

A dupla entrou no cemitério, pela frente, no momento exato em que ele se afastava, pelos fundos.

CAPÍTULO TERCEIRO

Eu te odeio, meu amor

Os fundos do cemitério eram mais elevados que a sua frente, porque ficava em uma elevação, e por isso Sam Giles pôde ver Jess Martin chegar acompanhando Joel Holmes, que foi buscar a mãe, e, para ter absoluta certeza de que não ocorreria um encontro desagradável, continuou pela elevação até chegar a uma picada e. por ela, entrar na única rua do lugar, que dividia o povoado ao meio.

Assim que entrou nessa rua, foi agarrado pelo braço por um pequeno rancheiro e se virou, intrigado, mas logo sorriu.

— Ah... Olá, senhor Dell. Que deseja?

— Segundo consta, você pretende vender o Rancho Giles — soltou Dell, olhando-o com expressão interrogativa.

— Muita gente devia saber segurar a língua dentro da boca, senhor Dell.

— Isso não responde à minha pergunta. Vai vender o rancho?

— Não.

— Não...? Mas... se você vai deixar o povoado, não vejo por que...

— Por que eu deixaria o povoado, senhor Dell? — perguntou o rapaz, encarando fixamente o pequeno rancheiro.

— Bem. Ao que parece, não terá muito a esperar do rancho, depois de vender aquela área, com o riacho, que fazia dele o melhor da comarca, por causa dos pastos bem irrigados. Na verdade, vendeu por nada essa riqueza e isso criou sérias dificuldades para os rancheiros com terras fronteiras às suas, pois o velho Holmes mandou desviar o leito do riacho, condenando as outras terras a se tornarem cada vez mais áridas, impróprias para a criação de gado.

Sam Giles continuou olhando para ele, com um sorriso malicioso, e ele acrescentou, irritado:

— Pensando bem, Sam, a vida se tornará muito difícil para você nesta comarca. Quero dizer... — pareceu recuar da agressividade ostensiva — sem água para irrigação, seu rancho se tornará improdutivo e...

— Senhor Dell, além dos cinco mil dólares da venda dessa área, eu tenho mais algum dinheiro no Banco, por muitos anos depositado em meu nome por meu pai, e, posteriormente, pelo meu irmão. Talvez esta informação desvie para mim a sua simpatia.

— Não entendi.

— Creio ter sido claro, mas posso especificar. O senhor só dá atenção aos endinheirados, menosprezando os desvalidos da sorte.

— Isso é uma injustiça! — espinhou-se Dell. — Eu sempre tratei a todos sem discriminação por causa do dinheiro! — armou um sorriso cínico. — Acho melhor não continuarmos, Sam, porque eu sei o motivo para me hostilizar. Tem raiva de mim porque seu irmão e eu nos desentendemos por motivos que agora não vêm ao caso.

— Conheço tais motivos, senhor Dell. Seus vaqueiros sempre criaram problemas com os ranchos vizinhos e meu irmão a todos prendia, indistintamente, porém o senhor logo aparecia e pagava as fianças, levando os seus homens de

volta, enquanto os vaqueiros dos outros ranchos continuavam presos, sendo muitos deles despedidos. O senhor normalmente sempre passou a mão pela cabeça dos seus... arruaceiros.

— Arruaceiros! Admito que os meus rapazes cometeram imprudências, por estarem alcoolizados, mas o fato é que muitas vezes o seu irmão prendeu vários deles injustamente.

— Senhor Dell, seus homens jamais mereceram a cadeia. O verdadeiro culpado sempre ficou de fora.

— Que está pretendendo dizer! — tornou a se espinhar Dell.

— Estou querendo dizer que, por causa dessas arruaças, muitos rancheiros vizinhos seus, menos poderosos, foram perdendo a mão-de-obra e acabaram vendendo-lhe as suas propriedades.

— Ousa insinuar que incentivei tal comportamento dos meus rapazes visando a prejudicar os meus vizinhos e apoderar-me das suas terras?

Sam Giles encolheu os ombros, e, sorridente, observou:

— A definição foi sua, e não minha, senhor Dell. Bom-dia.

Virando-se, afastou-se e entrou no hotelzinho anexo ao saloon, para comer alguma coisa. Saboreava deliciosa fatia de torta de maçã quando Jess Martin entrou no refeitório do hotel e, sem cerimônia puxou uma cadeira, sentando-se diante dele, à mesa.

— Olá, Sam. Ainda não nos falamos desde que voltou.

— Falta de oportunidade.

Jess Martin não acusou o impacto da frieza do rapaz e continuou sorrindo, para dizer:

— Águas passadas não movem moinho, Sam. Estou disposto a passar uma borracha nas coisas desagradáveis

que ocorreram entre nós e promover a nossa amizade. Que tal uma mão de pôquer, à noite? Podemos jogar sem apostar dinheiro.

Sam Giles olhou-o inexpressivamente.

— Se não for a dinheiro, quê...?

— Mulher, Sam. Quem perder financiará a noitada do outro com uma mulher à. sua escolha — definiu Jess Martin, com cinismo, acrescentando depressa: — Mulher do saloon, é claro.

O rapaz tornou a interromper o movimento de levar o garfo à boca, com outro pedacinho de torta de maçã, e olhou-o nos olhos.

— Mulher... — murmurou. — Combinado — sorriu.

Jess Martin se levantou e saiu, satisfeito, e Sam Giles ficou pensativo, tentando adivinhar quais poderiam ser os verdadeiros propósitos do sem-vergonha com aquela repentina reaproximação e a aposta original.

— É o que veremos, à noite — resmungou, acabando de comer a torta.

Assim que terminou levantou-se, acenou para Thorne e passou ao hall do hotelzinho, subindo ao seu quarto.

* * *

Espichado na cama, com a cabeça apoiada nas palmas das mãos, Sam Giles considerou a sua situação atual e as suas possibilidades imediatas.

Não tinha, até essa altura dos acontecimentos, a menor intenção de se transferir para o seu povoado, sem dar o ar da sua presença na propriedade, pois isso já motivara interpretações como a do rancheiro Dell sobre a sua possível decisão de se desfazer de tudo para sumir em seguida de Doodle.

Saltou da cama, disposto a visitar o rancho.

Pouco depois saía da cocheira do hotel, já montado, e deixava o povoado com rumo Sul.

O rancho ficava a poucas milhas da sede da comarca e menos de meia hora depois ele parava a montaria diante da grande porteira, sacudindo a cabeça, pesaroso, tal o estado de. abandono da bela propriedade. Inclinou-se para tirar da ponta do mourão a alça da porteira e passou, deixando que a porteira voltasse por efeito da inclinação e batesse com força no batente. Era um som que ele ouvira desde pequeno e lhe trazia muitas recordações.

Avançou com o cavalo a passo, mas, em vez de se aproximar da casa grande, preferiu rumar para a cocheira, onde deixaria o seu animal, mas nesse instante uma bala zuniu rente ao seu ouvido esquerdo e ele voltou a montaria, buscando uma proteção.

Seguiu-se um tiroteio ensurdecedor, mas o fato de nenhuma bala atingi-lo fatalmente, sendo um alvo fácil, encarapitado na sela do cavalo, levou-o a concluir que os atiradores não tencionavam matá-lo, mas somente assustá-lo, afastando-o dali. Por quê?

Seguindo seus instintos, fustigou a montaria para que galopasse furiosamente e se afastou até alcançar o sopé da colina próxima, onde apeou. Sentia forte ardência no torso direito e viu sangue escorrer da anca esquerda do animal.

Ambos foram superficialmente alvejados. Começou a buscar afanosamente umas ervas conhecidas, poderosas hemostáticas, mas interrompeu-se e voltou para junto do cavalo, porque viu grande grupo de ginetes aproximando-se com as montarias a galope.

Pouco depois os cavaleiros chegaram. Estavam encabeçados por Lorne, seu velho amigo e atual vice-capataz do Rancho Holmes.

— Você, aí...! — rugiu Lorne, sacando um dos Colt e saltando do cavalo. — Que estava...? Oh...! É você...

— Sim, sou eu — disse Sam Giles, simulando não ter forte laço de amizade com aquele homem. — Que estão fazendo em minhas terras? Foram vocês que dispararam contra mim?

— Bem... — disse Lorne, fingindo estar muito sem jeito. — Acontece que estávamos campeando gado quando vimos uma fumaça negra no Rancho Giles e viemos correndo, certos de que havia um incêndio. De fato, alguém tentou incendiar o rancho, mas, felizmente, chegamos a tempo de debelar as chamas e apagar completamente o fogo. Então...

— Uma história meio complicada — cortou Sam Giles, encarando-o com dureza. — Quando cheguei não vi sinais de fogo, nem fumaça, e fizeram muitos disparos contra mim.

Lorne simulou estar desconcertado, mas rebateu:

— Se alguém tentou incendiar o rancho, qualquer estranho que se aproximasse podia ser o criminoso. Estávamos longe de supor que você viria ao rancho exatamente nesse instante, e, tomando-o por um intruso, abrimos fogo.

— Bonito trabalho! — resmungou Sam Giles, segurando o ponto ferido de raspão por uma bala. — Se pensaram que eu fosse o autor do incêndio, por que não acabaram de vez comigo?

— Porque tencionávamos capturar o intruso para interrogá-lo e saber quem é o autor da idéia.

— Hum... — disse Sam Giles. — Quem poderia estar interessado em uma coisa dessas?

Lorne encolheu os ombros largos.

— Como saber? A menos que....

— Sim? — interessou-se vivamente Sam Giles, olhando para dois vaqueiros que cuidavam do ferimento na anca do seu cavalo.

— Afirma-se que George Preston e seu bando estão agindo de novo na comarca.

— Mas... ele não tinha sido metido na penitenciária estadual?

— Fugiu. Pelo menos, é o que corre de boca em boca na comarca.

— Ah... Sim, é possível. Talvez para se vingar do meu irmão, único xerife do território que foi capaz de capturá-lo e entregá-lo à Justiça — ponderou.

— Talvez não seja somente por isso, Sam — argumentou Lorne. — Além do fato de ter sido capturado por Moses, ele guardava rancor de sua família porque seu pai desconfiou dele desde o início, não acreditando que fosse um simples vaqueiro quando ele lhe pediu emprego. E por desconfiar o demitiu logo ao primeiro pagamento.

— Quando chegamos, o rancho estava cheio de homens — meteu-se um dos vaqueiros.

— Cheio de homens? — estranhou Sam Giles.

— Quem eram?

— Não sabemos — voltou a falar Lorne. — Ao aproximarmos, e talvez por estarmos em número bem maior, eles fugiram com as montaras a galope, pelo Norte, sem completar a ruindade de queimar a casa. Só podiam ser os homens de Preston.

— Se está agindo na comarca, farão nova tentativa de acabar com o rancho — murmurou Sam Giles, consentindo que outro vaqueiro aplicasse em seu ferimento a erva hemostática que ele estivera buscando.

— Foram vistos nas proximidades do rancho de Jess Martin e Jess afirmou que lhe roubaram algumas reses — interveio outro vaqueiro dos Holmes.

—E que fez o senhor Martin?

— Nada — afirmou Lorne. — Preferiu silenciar e aguardar, para colher Preston e os seus em outro roubo. Os bandidos fizeram outra investida ontem à noite e os vaqueiros de Martin quase os pegaram de surpresa, mas eles conseguiram escapar. O velho Martin disse que, ao fugirem, George Preston e seus bandidos rumaram para cá, talvez para se ocultar no seu rancho.

— Por que ele não veio, com seus vaqueiros, atrás desses canalhas? — sondou Sam Giles.

Lorne sorriu, afirmando:

— Negou-se a vir, para não criar problemas com você.

Sam Giles deu uma risadinha maliciosa, comentando, irônico:

— Vejam só... John Martin, cheio de consideração por um homem que ele sempre detestou e criticou abertamente, a ponto de criar na cabeça do filho ideias cretinas contra mim!

Lorne sorriu discretamente, no que foi imitado pelos vaqueiros sob seu comando, e revelou:

— Quando viemos, eu mandei um rapaz ao rancho, avisar os Holmes, e ele voltou dizendo que os irmãos Holmes viriam imediatamente para cá, com Jess Martin.

— Está bem, Lorne. Eu lhes fico imensamente agradecido por atuarem prontamente em defesa do que é meu. E a vocês — dirigiu-se especificamente a dois vaqueiros —, por cuidarem de mim e do meu cavalo.

Saltou para a sela e um dos vaqueiros elogiados quis saber:

— Onde está indo?

— Ao encontro de Joel, Nancy e Jess. Eu quero agradecer pessoalmente aos irmãos Holmes pelo seu interesse.

Ao se aproximar do trio, Sam Giles notou que Jess preferia manter-se um pouco afastado e os irmãos Holmes estavam desconcertados. Especialmente Nancy Holmes, que, após olhar discretamente para ele, sentou-se sob frondosa árvore e se encostou em seu tronco, abanando-se com uns raminhos de arbusto.

Nancy Holmes travava forte luta íntima. O namoro com Sam Giles havia terminado abruptamente por causa de acalorada discussão motivada pelas críticas sinceras a Joel Holmes, seu irmão, pelo fato de ele estar sempre com Jess Martin, um causador de distúrbios nos quais sempre se envolvia Joel, por amizade, comprometendo-se aos olhos de todos em Doodle.

— Amizade é isso, Sam — argumentara Nancy, melindrada com as críticas ao seu irmão.

Joel era dez anos mais velho e uma espécie de segundo pai para ela, porque zelava mais por sua reputação e segurança que o próprio senhor Holmes.

— Eu admiro esse sentimento de Joel, mas reprovo seu exagero em demonstrá-lo, envolvendo-se desnecessariamente em todas as encrencas criadas por Jess Martin — rebatera Sam Giles.

— Você não tem nada contra Jess, a não ser um ciúme tolo que o leva a dizer tolices! — soltara Nancy Holmes, sem pensar.

Sam Giles ficara imóvel, olhando-a com dureza.

— Talvez sejam ciúmes e bem fundados — rebatera. — Que motivo, além de especial predileção, poderia levá-la a desculpar os desmandos desse imbecil e a sabujice do seu irmão diante dele?

— Sam! Você me acusa de flertar ao mesmo tempo com dois rapazes e chama o meu irmão de sabujo! Desapareça de minha vista! Não quero vê-lo... nunca mais!

Melindrado, ferido no orgulho de macho, Sam Giles dera meia-volta e se afastara, terminando desse modo tolo um namoro de vários anos. Agora, esse flagrante voltava com nitidez à mente de ambos e os dois se perguntavam se não tinham sido tolos. Enquanto Sam Giles se aproximava, Nancy arrumava apressadamente os cabelos, reunindo-os em elegante coque no alto da cabeça, e respirava de modo descompassado, visivelmente afetada por sua presença.

Sam Giles sentia o coração disparar, mas não dava mostras disso, caminhando a passos firmes, de cabeça erguida, levando pelas bridas a sua montaria.

— Eu acho que ele aproveitará ter vindo para nos agradecer, e fazer as pazes com você, Nancy — murmurou Joel Holmes, sem olhar para ela.

— Agradecer? — meteu-se Jess Martin, sarcástico.

— Por termos deixado os nossos vaqueiros ir com Lorne, ver o que acontecia em seu rancho — definiu Joel. — Na verdade, eu acho que, em vez de nos agradecer, ele nos devia criticar por não termos feito alguns disparos de aviso quando o vimos seguir para o seu rancho. Não lhe aconteceu nada, mas poderia ter acontecido.

Jess Martin deu uma risadinha maliciosa.

— Se tivéssemos feito disparos ele interpretaria como hostilidade e se voltaria contra nós, talvez até empregando as armas.

— Que armas, Jess? — sorriu Joel. — Está desarmado.

Jess Martin calou-se e Nancy Holmes se levantou, aproximando-se dele após dirigir a Sam Giles um olhar desdenhoso que estava longe de refletir os seus sentimentos.

— Por favor, Jess, não arranje encrencas — pediu. — Se Sam disser alguma coisa desagradável, finja não ouvir. Faça isso por mim. Acho melhor irmos embora.

Nesse instante Sam Giles chegou perto do trio e disse, sério:

— Eu vim agradecer, mas... receio não ter chegado em momento oportuno.

Nancy Holmes sentiu o coração subir-lhe à boca e teve de respirar fundo para rebater, quase sem voz:

— O que fizemos é o mínimo que um vizinho tem o dever de fazer por outro. .

Sem se alterar, Sam Giles voltou-se para Jess Martin e disse:

— Aposto como tomou a iniciativa de avisar os Holmes, pois, segundo estive sabendo, roubaram algumas reses de seu rancho.

— Bem... — desconcertou-se Jess, porque não havia tomado essa iniciativa digna. — Eu estava no rancho dos Holmes quando os rapazes gritaram dando alarme de incêndio.

O rapaz sorriu.

— Entendo. E sei que foi falta de oportunidade para me ajudar. De qualquer forma, muito obrigado.

— De nada — murmurou Jess, muito sem jeito.

— Se vão ficar rasgando seda, porque não me acompanham até o rancho, para o jantar? — convidou a jovem. — Mamãe gostaria de ver todos nós reunidos, como antigamente.

— De minha parte, será um prazer — apressou-se a dizer Jess Martin.

— Agradeço a gentileza, Nancy, mas... eu já havia combinado para jantar com uma pessoa. Talvez em outra oportunidade.

— Deve ser uma garota do “Luck” — soltou Jess, com impropriedade.

— Caso eu tivesse convidado uma daquelas mulheres para jantar comigo, não faltaria ao compromisso, embora perdendo a ocasião de jantar com uma criatura como Nancy Holmes — continuou sorrindo Sam Giles. — Isso, porque não sou como certas pessoas que não sabe distinguir entre o bom e o ruim.

— Certas pessoas... — resmungou Jess Martin, semicerrando os olhos, irritado. — Sei que é uma indireta para mim, como se eu não soubesse diferenciar entre Nancy e essas... infelizes do saloon. Está enganado, Sam. Se se tratasse do alguém com coragem suficiente para andar armado, eu responderia de outro modo à insinuação malévola — acrescentou, dando um passo na direção de Sam Giles.

Este ampliou o sorriso e rebateu, com admirável calma:

— Algum dia teremos oportunidade de nos defrontar com as armas, Jess. Será inevitável, caso não acabe a sua hostilidade. De qualquer forma, seria desagradável andarmos aos tiros diante de Nancy Holmes. Que tal confirmarmos o seu convite para uma mão de pôquer, valendo mulher de cabaré?

Jess Martin empalideceu até às solas dos pés c deu rápida olhadela para Nancy, que baixou e cabeça e virou-a em seguida para ocultar o sorriso de gozação, afastando-se para junto do irmão, que segurava as bridas das três montarias.

— Você...! — rosnou Jess Martin, possesso. — Não pense que me afastará de seu caminho usando golpes sujos como esse!

— Por favor, Jess, eu não tive qualquer má intenção — declarou Sam Giles, com revoltado cinismo. — Pensei que

não houvesse nada entre você e Nancy, não vendo inconveniente em confirmar o que havíamos combinado no refeitório do hotel.

— Cínico! Que tal apostarmos Nancy. em uma...?

Não terminou, porque, com um movimento relampagueante, Sam Giles tirou do seu coldre o revólver e encostou a boca do cano embaixo do seu queixo, dizendo, entre dentes:

— Nunca mais repita a brincadeira de mau gosto, se tem um pingo de amor à pele, Jess Martin! Nancy já foi alvo de maledicências repugnantes segundo as quais o senhor Holmes a teria empurrado para os meus braços, e depois para os do meu irmão, usando-a como valor de troca para conseguir as terras que lhe vendi a preço irrisório. Não torne a citar Nancy em coisas como essa.

Extremamente pálido, sentindo-se ridículo e compreendendo que fora inoportuno, Jess Martin conseguiu armar um sorriso amarelo e disse:

— Cuidado, Sam! O gatilho é sensível e isso pode disparar. Admito que foi uma brincadeira de mau gosto.

— A última que fez envolvendo Nancy — rosnou Sam Giles, afastando o revólver para metê-lo de volta no coldre do outro. — Estarei no "Luck", por volta das dez, para jogarmos apostando.... mulher de saloon.

Joel e Nancy Holmes não testemunharam esse lance humilhante para Jess Martin, porque, temendo um choque mais sério entre os rapazes e não querendo que a irmã presenciasse, Joel foi prudente e se afastou com ela, ambos cavalgando com as montarias a trote forçado. Estavam longe quando Sam Giles, movendo-se com agilidade, saltou para a sela do seu cavalo e partiu em seguida, com ele a galope.

Jess Martin sentiu-se desmoralizado demais para também montar e seguir o rapaz, preferindo esperar alguns minutos antes de partir.

Sam Giles não tardou para alcançar os irmãos Holmes e foi bem claro:

— Joel, eu preciso urgentemente ter uma conversa decisiva com a sua irmã.

Joel Holmes olhou para ela e, sem mais, esporeou a montaria, afastando-se a caminho do seu rancho.

— Que está querendo fazer, Sam Giles? — indagou a lourinha, de cabeça erguida.

— Definir a nossa situação.

— Já está definida, desde aquele dia em que você ousou criticar o meu irmão por andar com Jess Martin.

— Eu errei naquele instante.

Nancy Holmes ergueu ainda mais a cabeça, sentindo-se vitoriosa.

— Ainda bem que admite. Mas isso...

— Errei, porque limitei a crítica a Joel, quando devia tê-la estendido, com muita razão, a você — cortou o rapaz, fazendo-a arregalar os olhos, colhida de surpresa.

— A mim...? Quem é você para...

— Não sou, mas era seu namorado efetivo, com todo o direito para escolher as suas companhias — tornou a interrompê-la, Sam Giles.

— Ah... ah... ah...! — disse a loura, zombeteira. — Ninguém, além dos meus pais, tem o direito de escolher as minhas companhias.

Sem nada dizer, Sam Giles apeou e contornou t seu cavalo, para segurar de surpresa Nancy, pela cintura, retirando-a da sela de sua montaria.

Depositou-a de pé no chão, diante dele, e só então falou, olhando-a nos olhos:

— Continuo não querendo que você mantenha essa... relação de amizade com Jess Martin.

Nova risadinha zombeteira da loura.

— Você não tem nada que se meter na minha vida, Sam Giles — declarou, aguentando o seu olhar reprovador. — Ele me pediu em casamento e estou muito propensa a aceitar o pedido.

— Casar-se com um arruaceiro?

— Talvez um arruaceiro, mas não um covarde.

— Que está pretendendo insinuar, Nancy Holmes? — perguntou o rapaz, empalidecendo.

— Estou querendo dizer que se o arruaceiro Jess Martin tivesse um irmão xerife não o abandonaria sozinho para encher a cabeça de inutilidades em Watson Creek, como certa pessoa que conhecemos.

A bofetada estalou no ar e a cabeça de Nancy Holmes balançou com força para a esquerda.

— Jamais repita essa acusação injusta! — rosnou Sam Giles, com o rosto quase colado ao seu, olhando-a no fundo dos olhos. — Eu não abandonei Moses. Apenas escolhemos caminhos distintos e...

— E por isso ele foi covardemente assassinado pelas costas, sem uma pessoa para castigar o assassino — cortou Nancy Holmes, demonstrando ter cabelo nas ventas.

— As mortes à traição raramente são testemunhadas, sua estúpida! — descontrolou-se Sam Giles. — Estivesse eu aqui, ou não, e o assassino traidor saberia escolher o momento apropriado para a sua covardia.

— Se você estivesse aqui talvez...

— Não prossiga com argumentos infundados, Nancy — cortou o rapaz. — Só o tempo criará as condições necessárias para desmascarar o criminoso, com o seu castigo. Eu saberei esperar.

— Está pretendendo insinuar que voltou somente para vingar seu irmão...? — soltou a loura, com ar zombeteiro.

— Eu não necessito que você acredite em mim para eu levar a termo os meus propósitos — disse ele, ainda olhando-a nos olhos profundamente azuis. — Passe bem, senhorita Holmes.

— Passe bem — rebateu a loura, enfiando o pé esquerdo no estribo da sela.

Sentiu-se erguida do chão e escanchada na sela, pelas mãos vigorosas de Sam Giles, que, em seguida, montou e volteou sua montaria para se afastar.

— Sam Giles!

Ele estacou a montaria, mas não se virou. Aguardou, muito empertigado na sela.

— Eu sei por que você me ajudou a montar.

Ele apertou os lábios e teve vontade de se virar para rebater, negando ter aproveitado o ensejo para segurar a loura, tê-la momentaneamente nos braços, mas seu orgulho impediu-o de fazê-lo, pois fora exatamente esse o motivo do seu gesto.

— Você não tem juízo! — gritou, esporeando a montaria que partiu a galope.

Nancy Holmes deu uma risada e também partiu, mas com o cavalo a trote fácil, de volta ao seu rancho.

CAPÍTULO QUARTO

"Artilharia" não é de valentes

Não havia um motivo claro para Sam Giles continuar observando sua combinação com Jess Martin para uma partida de pôquer na sala de jogo do saloon, após o incidente na campina, quando ele esbofeteou Martin, e muito menos para o esbofeteado, comparecer ao encontro. Mas o fato é que exatamente às cinco para as dez Giles entrou no saloon e foi plantar-se junto do balcão, onde logo Thorne lhe serviu a sua bebida predileta: cerveja.

Porém havia forte motivação, de ambas as partes, para esse encontro. A de Sam Giles era lógica: ele desconfiava de que Jess Martin estivesse tramando alguma de suas canalhices e tencionava aproveitar o ensejo para desmoralizá-lo definitivamente, diante de todos, forçando-o a recorrer às armas ou a desistir, de uma vez por todas, de persegui-lo. A motivação de Jess Martin seria logo conhecida.

Encostado no balcão, Sam Giles virou-se lentamente e passeou o olhar pelo saloon, parando-o em uma moreninha que não devia ser uma vivandeira como as demais. Esbelta e vestida com elegante discrição, tinha gestos comedidos e não buscava sofregamente, com os olhos, um "cliente" para momentos em um quarto do sobrado.

— Quem é aquela garota? — indagou baixinho do seu amigo Thorne, proprietário e barman do "Luck".

— Coryne Bali — revelou depressa Thorne. — É amiguinha de Jess Martin.

— Amiguinha, hem...? — murmurou Giles, lembrando-se da proposta de Martin de jogarem valendo mulher de saloon. — Você sabe se ele costuma apostá-la no jogo?

Thorne arregalou os olhos, espantado.

— Que idéia é essa, Sam?!

— Não se surpreenda — sorriu Sam Giles, sempre observando a garota elegante. — Lembra-se de que Jess esteve no refeitório do hotel, quando eu devorava aquela torta de maçã?

— Claro que sim. E julgo tê-lo ouvido propor uma reatação de amizade.

— Certo. Mas você perdeu a melhor parte da história. Ele me propôs jogarmos a valer mulher de saloon. Vendo essa garota, eu fico cismado de que seja ela o valor a ser disputado nas cartas.

— Será que Coryne aceitará tal safadeza? — duvidou Thorne.

— Isso, pode-se saber num instante — disse o rapaz, afastando-se após largar no balcão o caneco.

Aproximou-se discretamente da mesa da garota e, dirigindo-lhe um sorriso simpático, indagou:

— Não haverá o perigo de eu ser surrado pelo cavalheiro privilegiado que...?

— Não tenho compromissos desse tipo — cortou rápido a moreninha, com um bonito sorriso.

— Posso? — indagou Sam Giles, puxando a cadeira.

— À vontade.

— Aceita alguma coisa?

— Conhaque francês.

— Sabe pedir, hem? Já esteve no Leste?

— Sempre estive lá. Minha estada aqui é mero acidente da vida.

— Nota-se que não foi criada nestas paragens de gente rude, sem boas maneiras.

— Você não fala como gente do lugar — rebateu a moreninha. — Se todos fossem igualmente educados...

— Ainda bem que sou uma exceção aqui.

Talvez isso me valha um lugarzinho discreto em sua atenção. Eu sou do lugar, mas estudei fora.

— Logo vi.

Sam Giles fez um sinal para Thorne e lhe solicitou o pedido da moreninha. Thorne se afastou e voltou trazendo o conhaque em uma taça bojuda, de pé, e um caneco de cerveja.

— Só isso...? — indagou.

— Por enquanto, é só, amigo Thorne. A menos que a senhorita... senhorita...

— Bali. Coryne Bali.

— A menos que a senhorita Bali queira mais alguma coisa.

— Não, obrigada.

Thorne se afastou e Sam Giles soltou uma pergunta que quase fez a moreninha se engasgar com o conhaque:

— Você gostaria de ser apostada em uma rodada de pôquer?

— Que disse!

— Não se assuste — pediu o rapaz, segurando delicadamente a sua mão morena, bem macia. — Trata-se de um lance do seu amiguinho Jess Martin.

— Continuo sem entender absolutamente nada.

— Tenha paciência e ouça com atenção, para entender. Hoje ele me convidou para uma partida de pôquer, a valer

mulher de saloon, e, como me informaram que ele é seu amiguinho, eu tirei a conclusão, muito aceitável e lógica, de que o cretino pensou em usá-la como valor de aposta.

Coryne Bali ficou realmente chocada, muito séria.

— Não posso acreditar!

— Imagina que forjei uma história para impressioná-la, ou para tentar tomá-la, por meios sórdidos, de Jess Martin?

A fisionomia de Giles não deixava dúvidas sobre sua sinceridade e a moreninha se apressou a afirmar:

— Eu não me referi a isso, mas... Em poucas palavras, eu me nego a crer que esse cretino tenha alimentado tal pretensão. Se ele fez uma coisa dessas, terá de se ver comigo!

— Fez. Pode estar certa disso, Coryne. Mas não posso afirmar, em sã consciência, que tenha pensado em usá-la como peça de aposta. Foi mera dedução minha.

— Tomara que você esteja enganado. Como se chama?

Ele sorriu.

— Pretende afirmar que desconhece meu nome?

— Desconheço — afirmou a moreninha, com absoluta naturalidade.

— Eu sou Sam Giles.

— Sam... Giles? Você é, ou era, parente do xerife Giles?

— Irmão.

— Até as pedras se encontram..., mas você não é, nem um pouquinho, parecido com ele.

— Exato. Sou o retrato de nosso pai e ele era o retrato de nossa mãe, embora tenha ocorrido exatamente o inverso, no tocante a tudo o mais. Mas... se você é nova aqui, a ponto de me desconhecer, como pode ter conhecido Moses?

Ela sorriu.

— Conheci o seu irmão na capital do Estado, quando ele esteve lá para uma conferência de xerifes. Digamos que houve grande simpatia de parte a parte.

— Ele sempre foi um sujeito de muito bom gosto.

— E o irmão dele é bem cavalheiresco. Mas e essa história de me usarem como peça de aposta?

Sam Giles encolheu os ombros, bebericando do caneco de cerveja.

— Eu já lhe disse que, no tocante a você, a coisa resultou de mera dedução minha, sem qualquer fundamento confiável. Talvez Jess Martin nem se tenha lembrado de você ao me fazer tal proposta.

— Não imagina como alimento grandes esperanças nesse sentido, para o bem dele — declarou Coryne.

— E se for verdade?

Coryne Bali ficou séria, pensativa.

— A julgar pelas maluquices desse rapaz, tudo é possível — comentou, após alguns segundos. — Vamos fazer um acordo?

Sam Giles arqueou as sobrancelhas e armou um sorriso engraçado.

— Um acordo? Sobre que? Espere! — ergueu a mão esquerda, espalmada, solicitando paciência. — Eu entro, de olhos fechados, em qualquer acordo com você, mas... caso se trate, de assunto diretamente relacionado com a proposta de Jess Martin, eu gostarei de conhecer primeiro os termos desse acordo.

— Puxa, você tornou a coisa realmente grave! — exclamou a moreninha, com carinha engraçada. — É muito simples, Sam. Caso ele venha a este lugar, procederemos como se eu ignorasse a sua proposta e aguardaremos os acontecimentos. Se não for eu a tal peça de aposta, tudo

bem, mas, se ele teve mesmo a idéia cretina de me jogar no pano verde, você me dará cobertura quando eu o esbofetear.

Sam Giles assentiu com a cabeça, cheio de admiração pela garota, e, não medindo as palavras, foi sincero:

— Você nem parece uma garota deste meio.

Ela sorriu com tristeza, não se dando por achada:

— Não sou deste meio, Sam. Eu estou neste meio. É bem diferente.

— Entendo.

— Não, você não entende. Falou da boca pra fora. Mas posso explicar. Determinadas circunstâncias gravíssimas, de minha vida, me forçaram a aceitar o emprego de girl de saloon, mas saiba que estipulei uma condição irrevogável. A de limitar a minha atividade a divertir os clientes aqui, no salão, sem jamais atender às suas outras pretensões. Em termos claros: jamais irei para a cama com um frequentador do "Luck".

— Meus parabéns — sorriu Sam Giles, tornando a segurar a sua mão pequena, macia. — Mas devo adverti-la de que corre grande risco, pois lhe será difícil resistir à insistência de um homem, em se tratando de algum pistoleiro famoso e desalmado.

Ela sorriu, tirando, como em passe de mágica, pequeno Derringer do decote ousado e apontando-o para o rosto do rapaz. Uma pequena arma de grosso calibre, capaz de abater caça de tamanho como um alce graúdo.

Ele soltou um assobio de admiração e indagou:

— Você teria coragem de matar um homem!

— Por que não experimenta? — zombou a moreninha.

— Não, obrigado. Eu adoraria sucumbir em seus braços de exaustão, mas não por ser baleado.

Com uma risadinha maliciosa, ela ocultou no decote o Derringer e pegou a taça de conhaque.

— Sei onde ponho os pés — afirmou.

— Não alimento a menor dúvida — admitiu Sam Giles, soltando a mão esquerda da moreninha. — Cuidado... Ele acaba de chegar.

A dupla ficou calada, cada qual contemplando a sua bebida, enquanto Jess Martin se aproximava, caminhando diretamente para a sua mesa.

— Olá, Sam... Olá, Coryne...

— Olá — respondeu Sam Giles.

Coryne Bali se limitou a sorrir.

— Posso? — indagou Martin, pegando uma cadeira da mesa ao lado e sentando-se antes de ter a autorização. — Que estão bebendo? Pergunta tola... Cerveja e conhaque. Thorne!

O proprietário se aproximou e ele pediu uísque, dizendo:

— Anote os gastos desta mesa e espere até Sam e eu terminamos a nossa partida de pôquer desta noite. No final acertaremos as contas.

— 'Vamos apostar dinheiro...? — sondou Sam Giles, provocando ligeira contração na fisionomia da moreninha.

— Não, mas... eu creio que o vencedor, com a alegria da prenda obtida, não se negará ao sacrifício de custear os gastos. Certo?

— De minha parte, tudo bem — respondeu Sam Giles, trocando ligeiro olhar com Coryne Bali, que sorriu discretamente.

— Por falar em prenda, Jess — continuou o rapaz. — Tem alguma, já escolhida?

— Não! — negou Jess Martin, parecendo sincero. — E você?

— Também não. Sabe, Jess? Eu acho que, por uma questão de cavalheirismo, deveríamos consultar primeiro

aquele que agrade a ambos. Não se pode apostar numa mulher, como se ela fosse uma simples ficha de jogo.

— De que estão falando? — meteu-se Coryne, fingindo ignorar de que se tratava.

Jess Martin olhou-a demoradamente e murmurou:

— Já fiz a minha escolha.

— Eu não hesitaria em concordar, se estivessem em julgamento a beleza e a graça feminina — declarou rapidamente Sam Giles.

— Por favor! — tornou a intervir Coryne.

— Detesto ficar de fora nas conversas à mesa. De que estão falando?

Sam Giles se ajeitou na cadeira, e, sem olhar para Martin, soltou:

— O nosso amigo comum, Jess Martin, me propôs uma partida de jogo assaz original, na qual, em vez de dinheiro, a peça de aposta seria uma mulher. Pelo visto, a sua escolha recaiu em você.

Coryne Bali olhou para Jess Martin, e, ostentando um sorriso muito enganador, indagou:

— Verdade, Jess?

— Exato. Você é o tipo de garota pela qual ambos passaríamos uma noite inteira disputando a vitória nas cartas.

A bofetada ecoou no saloon, causando imediato silêncio e fazendo todos se voltarem para aquela mesa. Jess Martin levantou-se de um salto e levou instintivamente a mão ao cabo do Colt, mas não chegou a sacá-lo porque teve o braço fortemente imobilizado por Sam Giles, que lhe falou entre dentes:

— Talvez lhe sirva de lição, Jess Martin. Você herdou do seu pai a tendência para considerar todas as mulheres simples objeto de uso. Aquela bofetada que lhe dei, quando

ofendeu Nancy, considerando-a uma possível peça de jogo, não parece ter sido suficiente. Se esta, de Coryne Bali, também não bastar, eu não darei um centavo por sua pele.

— Uma ameaça? — rosnou Jess Martin, livrando-se de suas mãos com violento safanão:

Sam Giles sorriu.

— Não, Jess, não é uma ameaça. Ê uma advertência que você poderá nem merecer. Talvez um pai ou um irmão, ou mesmo a mulher ofendida, se incumba de silenciá-lo para sempre.

Atônito, incrivelmente desconcertado, Jess Martin recuou uns passos e virou-se, saindo intempestivamente do saloon.

Terminou o silêncio. Alguns vaqueiros que estavam na mesa próxima, dirigiram-se à dupla para cumprimentá-la. Um deles expressou literalmente o que pensavam os outros, dizendo:

— Você é uma grande garota, e você é um grande sujeito.

— Obrigado — agradeceu a Sam Giles, pela dupla.

Em seguida falou baixinho:

— Coryne, ninguém poderá prever de que será capaz Jess Martin. Eu o esbofeteei hoje à tarde, porque ele citou determinada criatura que estimo como provável peça de jogo, e você' o esbofeteou há pouco, diante de todos, pelo mesmo motivo. Talvez, covarde como é, ele prefira atingi-la, em vez de me enfrentar. Aceite o meu conselho e saia ainda esta noite de Doodle — estendeu discretamente a mão, enfiando no decote da moreninha um pequeno rolo de notas. — Caso não tenha para onde ir, vá a Watson Creek e procure o professor Alfred Hendrix, dizendo-lhe que vai a meu mandado. É um velhinho maravilhoso que irá adorar tê-la em sua casa, porque se ressente da falta de companhia.

— Algum parente seu? — indagou Coryne, deixando claro ter aceito a sugestão.

— Professor de humanidades.

— Eu logo vi que você recebeu boa instrução. Está bem, Sam, irei fazer companhia a esse bom velhinho. Mas não esqueça que eu existo.

— Nunca. Você não é mulher que se consiga esquecer. Um dia desses surgirei em Watson Creek.

— Vou esperar.

— Espere.

Ele se levantou para ajudá-la a se levantar, puxando a sua cadeira. Em seguida ela transpôs a porta de acesso ao hall e subiu a escada.

Quase uma hora depois Thorne se aproximou do rapaz, que agora estava de pé, junto ao balcão, e perguntou:

— Sabe por que Coryne resolveu fugir de Doodle?

— Sei — sorriu o rapaz, pegando o caneco de cerveja. — Seguiu um bom conselho deste seu amigo. Eu não quis que ela fosse vítima de alguma tolice de Jess Martin.

— Boa idéia — também sorriu Thorne. — Merece outro caneco, por conta da casa.

— E você um caneco espumante, por minha conta.

— Aprovado!

Sam Giles e Thorne saborearam juntos três canecos de cerveja e conversaram sobre assuntos variados, relativos aos aspectos do povoado, com frequentes interrupções porque Thorne, além de proprietário, era o barman do saloon, pois, muito exigente, não conseguia arranjar um empregado à altura de suas exigências e preferia matar-se trabalhando das oito da noite até pela madrugada a dentro.

Em uma das vezes que ele se afastou para atender um cliente, entrou no saloon um sujeito alto e de péssima catadura, barbudo e com todo o aspecto de gatilho

profissional. Após uma olhadela geral pelo ambiente, o forasteiro se encaminhou ao balcão, como se tivesse vindo especialmente para falar com Sam Giles. Plantou-se diante do rapaz, que olhou para ele por cima da borda do caneco de cerveja, e indagou:

— Sam Giles?

— Está falando com ele.

— Eu sou J.P. Dexter.

— Muito prazer.

Um sorriso distendeu os lábios finos do pistoleiro, movendo a sua barba hirsuta, preta, mas suja por causa da poeira do caminho.

— Não pode ter prazer em me conhecer.

Sam Giles baixou o caneco, deixando-o no balcão.

— É hábito de boa educação expressar prazer quando se é apresentado a alguém.

De novo o pistoleiro sorriu com malícia.

— O mundo precisa menos de rapazolas educados e mais de homens machos, valentes.

— É possível — sorriu Sam Giles. — Talvez por isso a maioria dos indivíduos andem armados.

— Que está querendo dizer?

— Que os verdadeiros valentes não precisam escorar-se atrás das armas para se fazerem entender pelos demais. Entre eles, uma conversa amistosa costuma facilitar as coisas.

Esse argumento embaralhou completamente o cérebro do pistoleiro, que arqueou as sobrancelhas espessas e respirou fundo, comentando:

— Você fala difícil e não se entende o que diz. Seu irmão falava mais fácil. Pena que tenha sido um canalha perseguidor de inocentes.

Sam Giles ficou seriamente espinhado.

— Lave a boca antes de citar o nome do xerife Moses Giles! — rosnou.

Pesado silêncio se abateu sobre o saloon. O pistoleiro ficou sério, olhando Sam Giles nos olhos.

— Como pretende impedir que eu diga a verdade sobre aquele canalha, se nem é suficientemente homem para usar armas? — soltou, visivelmente disposto a apressar o choque com o rapaz.

Movendo-se com grande agilidade, Sam Giles se apoderou dos seus Colt e jogou-os no balcão, fazendo-os deslizar por ele até uns dois metros de distância, e, encarando o desconcertado pistoleiro, respondeu:

— Se você achar que deixou de ser homem por estar sem as armas, trate de sair, mas, caso ainda lhe resta um pinguinho de coragem, reaja. Agora estamos em igualdade de condições.

Desprovido de sua "artilharia", J. P. Dexter ficou momentaneamente galvanizado, sem saber o que fazer, mas, lembrando-se de que havia duas vintenas de testemunhas, julgou-se no dever de atacar e saltou, projetando violentamente o punho direito.

Seu braço foi habilmente desviado pela mão esquerda de Sam Giles, que, com ligeiro movimento de corpo, evitou um choque com o pistoleiro. J. P. Dexter. Não encontrando a resistência do rosto do rapaz, para estacá-lo, o bandido passou diante dele e chocou-se de barriga com o balcão, soltando um ronco. Virou-se, disposto a tornar a atacar, agora com mais violência, e viu milhares de estrelas ao levar no nariz um murro demolidor.

Oscilou, atônito, vendo tudo girar, porém era um sujeito vigoroso e se refez depressa do terrível impacto, limpando na manga esquerda o sangue do nariz e saltando contra Sam Giles, disposto a vingar-se da humilhação e acabar com ele.

Nova decepção. Com um soco de direita em seu estômago, Sam Giles obrigou-o a dobrar-se ao meio, para a frente, soltando todo o ar dos pulmões. Sem desperdiçar tempo, aplicou um gancho de esquerda em seu queixo, de baixo para cima, fazendo-o empertigar-se em toda a estatura.

Uma saraivada de murros bem colocados transformou J. P. Dexter em boneco de engonço nas mãos do rapaz, que parecia disposto a continuar batendo até matá-lo, aos murros. Porém de repente, Sam Giles parou de bater e recuou dois passos, contemplando o bandido, que se apoiou de mau jeito no balcão e caiu de joelhos com a cara banhada em sangue do nariz e dos beiços, agora partidos e inchados.

— Peça desculpas por ter ofendido o honrado xerife Giles! — exigiu o rapaz, plantado diante dele e em posição de ataque, com os punhos cerrados.

J.P. Dexter, ofegante e muito atordoado, conseguiu resmungar, agora sentado nas pernas e encostado no balcão:

— Ele prendeu e fez condenarem o meu irmão a vinte anos de penitenciária...

— Quem é o seu irmão?

— "Bad Boy" Jimmy.

— A alcunha define o motivo da prisão e da condenação desse sujeito: "Mau Rapaz" Jimmy. Meu irmão jamais capturou homens decentes.

— Jimmy não matou aquele comerciante. Foi um sujeito do lugar, que eu jurei descobrir e matar.

Sam Giles olhou-o demoradamente, sob os olhares atentos de todos os presentes.

— Que comerciante? — quis saber.

— Joseph Cohen, o prestamista.

Um murmúrio percorreu o saloon, que novamente mergulhou em silêncio.

— Você afirma que foi um sujeito do lugar, hem? Eu vou tentar tirar isso a limpo. Caso seja verdade, tem a minha palavra de que intercederei junto às autoridades da Capital para que o seu irmão seja posto em liberdade, mas, se isso não passar de uma lorota, ele cumprirá os vinte anos de penitenciária.

T.P. Dexter olhou-o de olhos quase fechados por causa do forte espancamento, e, com muito custo, conseguiu erguer-se para ficar de pé diante dele, apoiado no balcão.

— Você pega bem, rapaz — admitiu. — E faz boas promessas. Se provar a inocência do meu irmão nesse caso, poderá contar com as minhas armas para qualquer negócio.

— Eu só prometi desvendar a verdade, para manter limpa a memória do meu irmão como xerife.

— Dá na mesma. Jimmy será beneficiado. Ele não presta, como eu, mas nunca mentiu para mim e jurou não ter liquidado o judeu.

— É o que tentarei descobrir.

Respirando fundo e assentindo com a cabeça, J. P. Dexter se apoderou do caneco do rapaz sorveu todo o resto da cerveja, movendo-se em seguida, sem firmeza nas pernas, até sair do saloon.

Imediatamente produziu-se uma algazarra, com a maioria felicitando aos gritos o rapaz por sua eficaz intervenção contra o forasteiro.

— Obrigado — resmungou Sam Giles, passando ao hall do hotel e subindo a escada para se meter em seu quarto.

CAPÍTULO QUINTO

Pegando mosca... com mel

Sam Giles estava com sono e não tardou para adormecer, mas foi despertado por fortes batidas na porta do seu quarto e, resmungando, levantou-se para atender, tendo o cuidado de ficar em guarda, pois talvez não fosse uma visita amistosa.

— Sim...? — disse, encarando o brutamontes que estava plantado no corredor, diante da porta.

— Eu sou Ralph Bellamy, ex-xerife de Watson Creek, designado pelo representante especial do Governador para substituir o falecido Moses Giles até ser nomeado um ocupante efetivo para o cargo.

— Ah... Muito prazer. Tenho a bondade de entrar.

— Não será necessário, porque tenho pouco a dizer.

Sam Giles encolheu os ombros e aguardou.

— Eu sei que é irmão do falecido xerife Giles, mas quero adverti-lo de que esse parentesco não lhe dá o direito de andar por aí criando problemas.

— Problemas? — repetiu o rapaz, de sobrancelhas arqueadas, muito surpreso. — Não entendi.

— Afirma-se que, além de vender umas terras com a finalidade de criar animosidade entre rancheiros honestos, esbofeteou um rapaz bem-conceituado e acaba de surrar,

um forasteiro, como se esta comarca estivesse à mercê dos seus caprichos de arruaceiro.

— Xerife substituto, hem? — sorriu Sam Giles, recuando um passo, a fim de medi-lo dos pés à cabeça com o olhar, ostentando expressão desdenhosa. — Ralph Bellamy... Muito bem, senhor Bellamy, eu aceito que o senhor tenha sido designado provisoriamente para o cargo, mas rejeito como ofensivas as suas declarações a meu respeito. Em primeiro lugar, eu vendi as terras a quem as quis comprar, sem saber o que esse homem tencionava fazer com elas. Quanto a ter esbofeteado... um rapaz bem-conceituado, devo afirmar que o conceito de Jess Martin não é dos melhores, e o esbofeteei por ter ele ofendido uma moça solteira e desrespeitado uma mulher comportada. No tocante à surra que dei em um forasteiro, o senhor deveria ter investigado melhor, pois tratava-se de um pistoleiro que veio com o propósito de vingar-se, comigo, pelo fato de meu irmão como xerife ter capturado o seu irmão sob a acusação de assassinato de um comerciante local.

A fala do rapaz, longa e ininterrupta, foi desconcertando progressivamente o homem da Lei, que acabou completamente sem jeito, incapaz de encontrar argumentos para justificar a sua forma de abordá-lo. Após alguns segundos, Bellamy respirou fundo e declarou:

— Está bem, reconheço que me precipitei. Mas, de qualquer forma, aproveito a oportunidade para pedir-lhe que se esforce no sentido de conter seus ímpetos, ou serei forçado a esquecer que é irmão do falecido Moses Giles e tomar as medidas necessárias.

— Xerife Bellamy, meus ímpetos são motivados pelas atitudes ofensivas e agressivas de terceiros. Caso todos agissem corretamente neste povoado, nem eu nem o senhor teríamos problemas. Certo?

Ralph Bellamy sopesou devidamente a alegação do rapaz e acabou sorrindo, para dizer:

— Certo, Sam Giles. Parece que nos entenderemos sobre alguns aspectos da vida em Doodle.

— É o que espero, xerife Bellamy.

— Desculpe importuná-lo, e... boa noite.

— Boa noite, xerife.

Sam Giles fechou a porta e voltou para a cama, resmungando:

— Só me faltava essa: acusado de arruaceiro!

Tomou a ferrar no sono.

* * *

Na manhã seguinte, Sam Giles resolveu aproveitar a disposição do xerife de que talvez se entendessem sobre alguns aspectos da vida no povoado e foi procurá-lo na delegacia.

— Oh... é você... — sorriu Bellamy, indicando um tamborete.

— Obrigado — sorriu Sam Giles, aceitando o oferecimento. — Sabe, xerife? Talvez possamos juntar nossos esforços para corrigir certos erros graves neste lugar.

— Quais? — interessou-se Bellamy.

— Por exemplo, ontem meu rancho foi invadido e quase incendiado por um bando de indesejáveis. Ao chegar, quase fui eliminado por uma saraivada de balas. Informaram-me tratar-se de ladrões de gado que buscaram refúgio em minha propriedade após roubar algumas reses do Rancho Martin, porém não disponho de informações concretas a respeito. Na verdade, nada pude investigar porque recebido a tiros, achei melhor salvar a minha pele, deixando qualquer sondagem para mais tarde.

Bellamy manteve-se calado e o rapaz acrescentou:

— Pretendo visitar alguns ranchos das redondezas amanhã mesmo, e gostaria que me acompanhasse.

— Por que acha necessária à minha companhia? Julga dispor de informações comprometedoras que possam ser confirmadas nessas visitas?

— Xerife, eu lhe peço que não insista a respeito dos detalhes. Por enquanto eu só lhe posso adiantar que essas visitas serão mutuamente vantajosas.

O xerife olhou-o com expressão indefinível e acabou insistindo:

— Não pode adiantar ao menos um particular que me incentive a acompanhá-lo? Serão muitas milhas ao redor.

— Xerife, não veja a menor crítica no que vou dizer, mas... o meu irmão jamais recuou diante de distâncias, em se tratando do cumprimento de seu dever. Espero que o senhor demonstre a mesma disposição.

— Conte comigo — prometeu Bellamy, com um sorriso discreto.

Saindo da delegacia, Sam Giles voltou ao hotel e procurou pelo dono, que estava em seus aposentos, aos fundos do saloon.

— Thorne...

— Quem é?

— Eu, Sam Giles.

— Um momento. Vá ao salão e sirva-se um caneco de cerveja, por conta da casa, enquanto eu me visto.

— Fique certo de que farei isso — respondeu Sam Giles, voltando ao saloon para operar a torneira do barril de chope, à que todos, no lugar, chamavam de cerveja.

Pouco depois Thorne apareceu, sorridente, indagando:

— Alguma novidade?

— Boa para você, porque entrará nos cobres.

Quero que faça a minha conta.

— Vai partir?

— Não, eu não partirei de Doodle. Mas hoje dormirei fora e amanhã voltarei para recolher as minhas coisas.

— Entendo. Tenciona... fixar-se em seu rancho?

— Exato. Mas antes farei umas compras, pois não deve haver mantimentos na despensa de casa. Em seguida virei pagar a conta.

— Combinado.

Sam Giles saiu em seguida para ir aos armazéns gerais, mas topou com Joel Holmes na calçada e este, plantando-se diante dele, declarou:

— Sam, não será espancando os pretendentes à mão de minha irmã que conseguirá conquistar as suas simpatias. Pelo contrário.

— Deve medir as palavras, Joel. Da maneira como falou, quem ouvisse pensaria que Nancy está cheia de pretendentes e que eu não faço outra coisa, se não, esmurrá-los, no intuito de torná-la minha, o que será inevitável.

— Minha irmã não pode ser considerada um objeto pertencente seja a quem for! — rebateu Joel Holmes, visivelmente disposto a criar problemas.

— Acho melhor deixarmos a conversa para depois, Joel. Você está muito irritado e acabará cometendo alguma tolice que não saberei tolerar.

— Ê um desafio?

— Não, Joel, não é um desafio. É um conselho visando evitar que atitudes impensadas cheguem a destruir a nossa velha amizade.

— Não sou amigo de arruaceiros!

Sam Giles não pôde conter uma risadinha irônica, espremida entre os dentes.

— É a segunda vez, nestas vinte e quatro horas, que me atribuem esse defeito — declarou. — O primeiro a ser injusto foi o novo xerife Bellamy, que em seguida se desculpou.

— Não me desculparei de dizer uma verdade! Você se tornou um arruaceiro depois que esteve algum tempo fora de Doodle. Já esbofeteou duas vezes Jess e agrediu um forasteiro no saloon. Além disso, o rancheiro Dell afirmou que você culpou o meu pai pelo desentendimento entre rancheiros. Que está pretendendo?

— Tanto Jess Martin como o pistoleiro J.P. Dexter mereceram o castigo. Jess Martin por ofender a sua própria irmã e uma moça que não merecia a humilhação. Quanto ao pistoleiro que surrei, mereceu a lição por pretender acabar comigo para se vingar de Moses, que capturou e entregou à justiça um tal "Bad Boy" Jimmy, irmão desse forasteiro.

— Você acusou papai de...!

— Calma, Joel, eu já estava para esclarecer esse ponto — pediu Sam Giles, esforçando-se para ter paciência. — Eu não acusei seu pai de motivar hostilidade entre os seus vizinhos rancheiros. Quando o senhor Dell me acusou, na cara, de ter vendido ao seu pai aquela área com o propósito de causar desarmonia, eu declarei não ter culpa do que o senhor Holmes fez nessas terras após adquiri-las de mim. Se seu pai desviou o curso do riacho para ser o único beneficiário da irrigação, prejudicando os demais rancheiros, será ele, e não eu, passível da crítica dos prejudicados.

— Você se preparou lá fora para confundir a gente do lugar com a sua conversa complicada! Mas não pense que serei outra vítima dessa sua patifaria, ouviu bem?

Ao terminar a última frase, Joel Holmes adiantou a mão aberta e deu com ela no peito de Sam Giles, empurrando-o

violentamente. E logo se pôs em guarda, disposto a continuar a agressão.

— Desista enquanto é tempo — aconselhou Giles — Fomos praticamente criados juntos e você está cansado de saber que nunca consenti que pusessem as mãos em mim para me bater. É a única coisa capaz de tirar-me imediatamente a paciência.

Sem dar-lhe ouvidos, Joel Holmes partiu para o ataque e quase acertou um direto na cara de Sam Giles, que chegou a sentir o vento do murro perto da orelha direita, ao esquivar-se...

Compreendendo que seria inútil tentar demover Joel Holmes do intuito de agredi-lo, o rapaz fingiu querer acertar-lhe um soco no ventre e ele baixou depressa a guarda, a fim de proteger essa parte do corpo, deixando a cara à mostra. Sam Giles soube aproveitar essa falha do adversário para acertar-lhe no queixo um gancho de esquerda, decisivo.

Joel Holmes viu estrelas e rodopiou, para apoiar as mãos na parede do saloon e, não tendo em que fixá-las, caiu aparatosamente sentado, com cara de bêbado.

— Eu tentei evitar, Joel — disse Sam Giles, contrafeito. — Em vinte e seis anos, foi a primeira vez que aconteceu isto entre nós e fui obrigado a agredi-lo. Não imagina como o incidente me deixa amargurado.

Refazendo-se parcialmente da tonteira, Joel Holmes rebateu:

— Teve sorte! Mas não ficará assim. Da próxima vez você levará a surra que merece. E pare de usar palavras estudadas, porque não sou estúpido como a maioria dos cretinos de Doodle.

— Assim, você se afunda cada vez mais, Joel. Atraí a antipatia da gente do lugar. Tenha juízo e reconsidere sua atitude, vendo-me como sempre me viu, um amigo leal.

Uma risada ecoou na única rua do povoado.

— Amigo leal...! Alguém, aqui em Doodle considera Sam Giles um amigo leal, ou... um arruaceiro que só cria problemas? — gritou Joel Holmes, levantando-se e caminhando pela rua.

Alguns passantes ficaram sérios e seguiram o seu caminho. O rapaz sacudiu a cabeça, pesaroso, virando-se, para quase chocar-se de peito com o xerife Bellamy, que também sacudiu a cabeça e comentou, embora com um sorriso nos lábios:

— Assim, não dá, Sam Giles. Eu lhe pedi que contivesse os seus ímpetos. Será que nem o seu possível futuro cunhado escapará de sua ira?

— Xerife, eu fiz até o impossível para evitar este incidente, mas Joel Holmes foi irredutível e não sossegou enquanto não investiu contra mim. Eu tive de revidar, e... Bem, ele levou a pior.

— Não será assim da próxima vez! — rosnou Joel Holmes, afastando-se, de punhos cerrados.

— Até à vista — despediu-se Bellamy, também se afastando.

Plantado na calçada, contrariadíssimo, Sam Giles viu, pouco depois, a charrete dos Holmes se aproximar, com Joel Holmes empunhando as rédeas e tendo ao lado, na boléia, a irmã Nancy. Quando a charrete passou diante dele, Nancy gritou, para ser bem ouvida:

— Arruaceiro!

Sam Giles cerrou os punhos e resmungou um impropério, virando-se para continuar pela calçada, até entrar nos armazéns gerais.

Assim que entrou, quatro rancheiros saíram ostensivamente, olhando-o com desdém. Eram os vizinhos de Nestor Holmes, prejudicados com o desvio do leito do riacho.

Na rua, um destes comentou:

— É um maluco. Acabou agredindo até o filho do homem com o qual tramou a sujeira contra nós. Agora está sozinho.

Outro rancheiro acrescentou:

— Aposto como tentará conseguir a nossa ajuda, na esperança de que lhe emprestemos os nossos vaqueiros para expulsar do seu rancho os invasores.

— Que não conte comigo para isso — grunhiu o terceiro.

— Nem comigo — resmungou o último do grupinho.

Estavam longe de adivinhar que Sam Giles já havia combinado com o novo xerife de Doodle fazer-lhes uma visita. De fato, após fazer as compras que julgou necessário e voltar ao hotel para saldar a sua conta, o rapaz foi à delegacia, onde Bellamy o recebeu atenciosamente.

— Como é, xerife, virá comigo visitar os ranchos?

Ralph Bellamy apertou os lábios e, sem confirmar ou negar, declarou:

— Sam Giles, hoje mesmo estive no seu rancho e não havia vivalma. A porta estava aberta e tomei a liberdade de entrar, após chamar sem ser atendido. Não estou querendo duvidar de que sua propriedade tenha sido invadida, mas...

— Xerife, isso agora não vem ao caso — cortou o rapaz. — Eu gostaria que me acompanhasse.

Com um suspiro de enfado, Bellami indagou:

— E se eu não pudesse ir...?

— Xerife, o senhor é, ao menos temporariamente, o principal responsável pela ordem na comarca. Entenda que

não me posso responsabilizar pelo que venha a acontecer por causa da minha visita aos rancheiros.

Levantando-se, o avantajado Bellamy assentiu com a cabeça e pegou num tamborete o chapelão desabado, colocando-o na cabeça. Nesse instante entraram dois rancheiros que haviam adotado atitude conciliadora no caso do desvio do riacho, e logo se dispuseram a acompanhá-los. Minutos depois os quatro partiam, cavalgando lado a lado.

— Sabe, xerife? Eu gostaria de visitar os rancheiros prejudicados antes de irmos ao rancho dos Holmes.

Um dos rancheiros sorriu e perguntou, com malícia:

— Muito simpático, Giles, mas... e se nos receberem com fogo cerrado?

— Eu tenho uma idéia — disse o outro rancheiro. — Estou às boas com eles e poderia ir na frente, avisando da visita.

Após ligeira consulta com olhares, os outros três aprovaram e ele partiu com a montaria a galope. Graças a isso, o mesmo rancheiro os esperou no caminho, para comunicar-lhes que todos haviam decidido reunir-se em sua casa para facilitar o encontro.

Rumaram para o Rancho Pearson e, ao chegar, um dos vaqueiros que estavam espalhados na frente da casa não se conteve, perguntando:

— Vieram pedir ajuda?

— Por quê? — sondou Sam Giles.

— Bem... Segundo consta, o seu rancho foi invadido por ladrões, ou coisa parecida.

— Foi coisa passageira — sorriu Giles. — A casa já está desocupada. Verdade, xerife?

— Verdade. Estive hoje no Rancho Giles e constatei que não há invasores.

O vaqueiro encolheu os ombros e o grupinho prosseguiu caminhando na direção da varanda do rancho.

Foram recebidos com frieza, mas ninguém desconsiderou o rapaz, talvez por estar ele acompanhado do xerife Bellamy. Sam Giles foi incisivo:

— Corre no povoado o boato de que todos vocês estão pensando em vender suas propriedades a Martin, a Dell, ou ao próprio Holmes. É verdade?

— Não é justamente isso o que você estava querendo que acontecesse? — soltou um dos rancheiros.

— Não, senhor Alder, eu não tenho o menor interesse em que se desfaçam dos seus bens — negou depressa Sam Giles.

— Desculpe, Sam, mas é difícil acreditar — meteu-se outro rancheiro. — Afinal, que motivos teve para vender aquela área ao velho Holmes?

— Por apenas cinco mil dólares, quando todos sabem que valia quinze mil, ou até mais — interveio mais outro rancheiro.

— Muito bem, senhores. Todos sabem que aquela área vale pelo menos três vezes o preço de venda, mas todos devem estar cansados de saber que aquele maldito pedaço de chão foi a ruína de nossa família. Meu pai morreu defendendo essa área. Minha mãe sucumbiu ao desgosto de perdê-lo por motivo tão estúpido e meu irmão nunca harmonizou comigo porque me neguei a lutar, ao seu lado, para conservar essa mesma área. Vendendo-a, eu me livrei de um pesadelo. E não exigi mais de cinco mil dólares porque essa era a quantia que me interessava.

— Custa crer... — murmurou Alder, apertando os lábios.

— Acredite ou não, senhor Alder, é a expressão da verdade. Aliás, ninguém tem nada com isso, pois as terras

eram minhas e me cabia o direito de fazer delas o que bem entendesse. De qualquer forma, insisto em que fiz a venda para livrar-me de um torrão que considerei amaldiçoado, e por necessitar de dinheiro. Além disso, não sou o culpado de que Nestor Holmes tenha desviado o riacho para ter o monopólio das águas de irrigação.

— Está afirmando que Nestor é o único culpado? — indagou um dos rancheiros, chamado Goldman.

— Senhor Gooldman, não estou atribuindo culpa a ninguém — respondeu depressa Giles. — Eu apenas afirmo que me limitei a vender a área a Nestor Holmes e que não me responsabilizo pelos seus atos posteriores.

— Ele é muito ligado a John Martin — resmungou, com malícia, Pearson.

Todos olharam para ele e Goodman acrescentou:

— E a Francis Dell...

Sam Giles olhou para Ralph Bellamy e o xerife sorriu, dizendo:

— Eu acompanhei Sam Giles a seu pedido, no intuito de moderar os ânimos, caso se exaltassem, e disposto a não me imiscuir em assuntos que não me estão afetos, mas... as afirmativas dos senhores Pearson e Goodman, aliadas à minha experiência no trato de gente envolvida em disputas sobre terras, levam-me a perguntar se acham que Holmes, Martin e Dell estão de comum acordo... digamos, em uma espécie de trama para forçar os rancheiros vizinhos a lhes vender suas propriedades.

Todos os rancheiros falaram a um só tempo e tanto Bellamy como Sam Giles ergueram os braços, pedindo silêncio.

— Um de cada vez, por favor — solicitou Bellamy.

— Gooldman poderá falar por todos — sugeriu Pearson, sendo aprovado pelos outros.

Respirando fundo, Gooldman foi bem claro:

— Xerife, o senhor disse exatamente o que estamos pensando. Podemos estar errados, é claro, mas tudo nos leva a crer que Nestor Holmes, John Martin e Francis Dell estejam aliados para se apoderar das nossas terras a preço de liquidação.

— Isso é grave — murmurou o xerife, pensativo.

— Xerife, possivelmente o senhor ignora detalhes importantes que nos levaram a tal conclusão — falou Pearson. — A princípio, era apenas John Martin. Ninguém ignora, em Doodle, que ele mandava seus vaqueiros misturarem reses suas às nossas, para depois nos acusar de estarmos roubando gado. Quase surgiu uma guerra de rancheiros, que só não aconteceu graças à pronta intervenção apaziguadora do falecido xerife Moses, irmão de Sam. Desculpe dizer, xerife Bellamy, mas dificilmente encontraremos outro igual a Moses.

— Não tem importância — sorriu o novo xerife.

— Obrigado pela boa referência ao meu irmão — murmurou Sam Giles.

— Como eu estava dizendo — continuou Pearson. — Moses Giles acalmou os ânimos e Martin parou com a sujeira, mas, quando estávamos todos em paz, Francis Dell mandou seus vaqueiros criarem problemas com os nossos, no povoado, ocorrendo brigas sérias que nos forçaram a despedir a maioria dos nossos rapazes, enfraquecendo prejudicialmente nossa mão-de-obra. Dell sempre pagava as fianças estipuladas por lei e seus desordeiros saíam satisfeitos, para de novo provocar nossos empregados. Também aqui Moses Giles foi providencial, advertindo Dell de que se os seus continuassem roubando a calma à comarca, ele os meteria na cadeia sem aceitar as fianças.

Fez ligeira pausa para acender um charuto, após oferecer a caixa aos demais, e prosseguiu:

— E quando, finalmente, nos consideramos livres das safadezas de John Martin e Francis Dell, Sam Giles vende aquela área a Nestor Holmes, e o inconsciente, desvia o leito do riacho, deixando-nos a todos, sem a necessária irrigação para os nossos pastos. Tudo isso nos leva a supor que esses três homens estejam agindo de comum acordo, e... bem, Sam, não estou querendo insistir nesse aspecto da questão, mas... — encolheu os ombros — o preço irrisório da venda também nos fez deduzir que você poderia ser o quarto homem dessa sórdida trama — encarou Sam Giles.

— Pois já sabem que estou de fora — sorriu o rapaz.

— Acreditamos — disseram quase todos os rancheiros, em coro, como se houvessem ensaiado. — Que podemos fazer? — acrescentou Gooldman.

— Eu só desejei este encontro para ter uma visão geral da situação e conhecer as verdadeiras disposições dos senhores — declarou Sam Giles. — Tomarei as medidas necessárias, possivelmente com o apoio do xerife Bellamy — olhou para o xerife, que assentiu com a cabeça. — Bem, senhores, muito obrigado por não nos terem recebido com uma chuva de balas.

Todos riram a Sam Giles tocou na aba do chapéu com os dedos da mão direita, dispondo-se a sair do rancho de Pearson, local da reunião.

CAPÍTULO SEXTO

O maior buraco no estômago

Sam Giles já havia dado alguns passos, na sala de Pearson, quando o rancheiro correu e segurou-o pelo braço, indagando:

— Algum inconveniente em nos revelar o que pretende fazer em seguida?

O rapaz encarou-o com simpatia.

— Visitar John Martin.

Os rancheiros trocaram olhares e, sem exceção, colocaram na cabeça o chapéu, dispostos a acompanhá-lo. Ralph Bellamy tentou dissuadi-los, alegando que tornariam a coisa muito formal, porém eles foram inflexíveis e pouco depois todos partiam.

O grupo chegou diante da porteira do Rancho Martin e dois vaqueiros armados de rifles se aproximaram, com os dedos nos gatilhos, mas, ao verem Bellamy, recuaram, embora de cara feia. O próprio Bellamy abriu a porteira e todos passaram, continuando na direção da casa grande. Pelo caminho, outros vaqueiros se mostraram hostis, mas, como os primeiros, recuaram ao verem o xerife.

Movendo o braço em semicírculo, Sam Giles observou:

— Como veem, esta propriedade é enorme, e John Martin emprega centenas de vaqueiros. Ele nunca foi exigente sobre o passado dos homens que contrata, de modo

que, durante certo tempo, seus empregados criaram sérios problemas, agindo como disse o senhor Pearson, para depois John Martin acusar os vizinhos de roubarem as suas reses, segundo constatou o meu irmão, praticando roubos de gado. Não posso afirmar que John Martin tivesse ciência de tais roubos, mas posso acusá-lo de contratar gente indesejável, capaz de tais atos.

— Certo, Sam — concordou Gooldman.

O xerife Ralph Bellamy, que até então se mantivera solidário com o rapaz, fez uma observação que o surpreendeu:

— Escute, Sam, pelo que já ouvi, você só está relacionado com o desvio do riacho, e, por ter vendido as terras em que ele se encontra. Por que se mete nos assuntos de roubo de gado e brigas propositais?

Sam Giles estacou a montaria e encarou o xerife, para rebater:

— Xerife Bellamy, esses roubos e brigas me afetaram tanto como esse problema do riacho, ou mais, porque durante muito tempo, meu irmão me hostilizou por eu não ter vocação para policial e ajudá-lo a combater esses crimes. Lamentavelmente, para fugir a essa hostilidade constante, eu tive de me ausentar de Doodle, só voltando depois que Moses faleceu.

— Eu entendo — murmurou Bellamy, olhando-o com simpatia. — Queira desculpar.

— Esqueça, xerife. Eu compreendo a sua observação, pois cansei de testemunhar as deduções do meu irmão, todas elas baseadas no intuito de acertar.

— Pensando bem, este encontro... — começou Pearson, interrompendo-se porque agora estavam diante da varanda e John Martin surgiu à porta empunhando um Winchester.

— Posso saber por que invadiram as minhas terras? — rosnou Martin, de olhos semicerrados e lábios apertados, com o indicador direito no gatilho do rifle. — Minha propriedade não é via pública nem uma casa de diversões acessível a qualquer um!

Ralph Bellamy adiantou-se aos rancheiros, e, empertigado na sela, rebateu:

— Senhor Martin, controle-se e ouça o que estes cavalheiros têm a dizer.

Os vapores de John Martins arrefeceram à visão da cintilante estrela de prata de Bellamy. Mas o cínico Jess Martin, seu filho, surgiu por trás dele, gritando:

— Se tinham coisas para dizer, mandassem ao meu pai um convite marcando encontro no povoado.

Os rancheiros trocaram olhares e Gooldman, com um sorriso forçado, fingiu não ter ouvido o berro do rapaz, dirigindo-se ao seu pai:

— John, nós viemos em tom de paz, tentar um entendimento que poderá...

Uma risada de John Martin cortou as suas palavras. Decepcionado, o velho rancheiro voltou-se para Sam Giles e indagou, como se fosse o cérebro de todos:

— Devo continuar, Sam?

— Não, senhor Gooldman. A reação dos Martin deixou claro que não estão dispostos a ouvir, e seria desagradável prosseguirmos, com o risco de criarmos maiores hostilidades.

— Tão ponderado... — zombou John Martin. — Quem ouve o cínico falar, jamais poderá supor que ele tenha esbofeteado covardemente o meu filho, surrado um forasteiro e dado um soco no rosto de Joel Holman, como dezenas de testemunhas poderão confirmar.

— Nessas três oportunidades eu tentei o caminho de paz e, como agora, não me deram atenção, senhor Martin — afirmou Sam Giles, inalterável. — Eu aceito tudo, ouço desaforos, porém jamais consentirei que ponham as mãos em mim, para me bater, nem que ofendam senhoritas honestas ou moças bem-intencionadas. Seu filho cometeu ofensas imperdoáveis, e o forasteiro e Joel Holmes fizeram menção de me agredir. Sofreram as consequências.

John Martin apertou os lábios e, por instantes, todos tiveram a impressão de que iria apertar o gatilho do Winchester, porém ele logo armou um sorriso quase imoral para soltar, com claros intuitos malévolos:

— Quer dizer que se um desses cavalheiros tão seus amigos fizerem... menção de agredi-lo, você não hesitará em esbofeteá-los, ou mesmo em surrá-los...?

— Exatamente, senhor Martin — confirmou Giles com admirável hombridade. — E nisso está incluído o próprio xerife Bellamy. Meus pais jamais me bateram e não consentirei que outros me batam.

Desconcertado, John Martin olhou para Bellamy, à espera de que o avantajado xerife tivesse uma reação de protesto, ficando sem jeito ao deparar com o seu amplo sorriso.

— Estão todos mancomunados contra nós, filho! — exclamou, bestamente.

— Sempre estiveram, pai! — disse o imbecil, segurando o seu braço. — Mande os rapazes expulsá-los de nossas terras!

— Seria a pior coisa que o seu pai faria, menino — declarou Bellamy, pondo a mão no cabo do Colt de serviço, um respeitável "45" de cano longo. — Antes de cometer tal impropriedade, o seu pai deve dar ouvidos a estes senhores

e concordar em tentar convencer o seu amigo Nestor Holmes a devolver o riacho ao seu antigo leito, para...

— Está vendo, pai? — tornou a esganiçar Jess Martin. — Ele está do lado dessa gente, contra nós! Devemos contar ao senhor Dell e ao senhor Holmes, para que fiquem prevenidos.

Embora considerando inútil insistir, Sam Giles disse:

— Pare de dizer asneiras. Eu me nego a crer que o senhor Holmes tenha agido de má-fé ao desviar o leito do riacho. Talvez tenha sido impensado, mas isso é tudo.

Uma risadinha estridente de Jess Martin fez alguns rancheiros duvidar seriamente de sua masculinidade.

— Não adianta dizer essas coisas para que cheguem aos ouvidos do senhor Holmes, porque a essa altura ele já deve saber que você deu um soco na cara do seu filho. E quando Nancy ficar sabendo, irá odiá-lo para sempre.

Sam Giles olhou-o com desdém e volteou a montaria, no que foi imitado por todos os demais. O grupo desfilou lentamente por entre as alas de vaqueiros do Rancho Martin, todos armados de revólveres e rifles, de fisionomias hostis.

— Um bando de indesejáveis! — resmungou baixinho Ralph Bellamy. — Agora, sei que terei muito trabalho em meu cargo.

— Pssst! — disse o rancheiro Pearson, atemorizado. — Cuidado, xerife! Se um deles se descontrolar, seremos uma pasta de carne, ossos e chumbo.

— E sangue... — acrescentou Gooldman, cadavericamente pálido ao imaginar-se na condição descrita pelo outro rancheiro.

O grupo transpôs a porteira, observado de longe pelos Martin, que trocaram sorrisos maliciosos. Jess Martin comentou, com um orgulho quase feminil:

— Que fora, hem, pai?

— É... — Murmurou John Martin. — Mas a visita serviu para saber que temos a maioria contra nós, incluindo o representante da Lei.

— E daí? Temos conosco Francis Dell e Nestor Holmes. Assim que os dois levem os demais ao desespero e compremos tudo por ninharias, nos livraremos desses velhos e seremos os senhores absolutos da comarca.

— Não quero ser tão otimista, filho. Esse Sam Giles é um sujeito instruído como nenhum de nós, e muito ardiloso. Saberá orientar essa turma, pondo em risco o nosso plano.

— Já se esqueceu de George Preston...?

John Martin franziu a testa.

— Está insinuando que devemos contratar os serviços desse sujeito para nos livrar de Sam Giles?

Uma risadinha cretina do filho deixou-o ainda mais sério.

— Por que não, pai? Já investimos tanto dinheiro nesse lance, que mais mil dólares, ou coisa parecida, não chegariam a pesar muito na balança.

— Não sei... — murmurou o velho Martin, alisando o queixo pontudo, de barba bem escanhoada. — É arriscado, filho. Quem contrata homens como Preston acaba dominado por eles.

— Vamos precisar de gente assim para nos livrar de Francis Dell e Nestor Holmes...

John Martin encarou duramente o filho.

— Sabe, Jess? Você às vezes me assusta. Chego a pensar que seria capaz de eliminar até o seu próprio pai a fim de conseguir o que cobiça.

— Pai...! — exclamou o cínico, de voz esganiçada. — Como pode dizer isso do seu filho único, que só vive para

vê-lo o homem mais feliz do mundo! Ê para conseguir isso que estou participando dessa jogada.

— Está bem, filho, desculpe — sorriu Martin, segurando a cabeça do filho para encostá-la carinhosamente ao peito largo, varonil, a despeito da idade avançada.

Tinha milhões de defeitos, mas, como pai, era ótimo. Após alguns segundos, saiu-se com uma idéia que fez o rapaz se empertigar, muito surpreso:

— Filho, não nos interessa eliminar Sam Giles, porque talvez ele se transforme em motivo para Nestor Holmes cometer uma besteira e...

— Está pensando em levar o velho a matar Sam?

Com uma risadinha, o velho Martin explicou:

— Claro que não, filho. Já sei como cuidar de Sam. Para isso aceitaria a sua idéia de contratarmos Preston.

— Não entendo, pai! Se considera cedo para liquidarmos Sam, como quer contratar Preston justamente...

— Fique calado e ouça, filho. Você fará exatamente o que vou dizer, sem discutir a respeito. Eu idealizei um jeito de comprometer Sam Giles aos olhos de Nestor e do xerife Bellamy.

— Qual? — interessou-se vivamente Jess Martin.

— Você irá, ao jantar de aniversário de Nancy?

— Claro que sim, pai — confirmou o cínico, com um sorriso debochado. — Talvez até peça a estúpida em casamento.

— Devagar, filho! Não se comprometa. Em vez disso, faça o seguinte: logo após o jantar, dê um jeito de levar Joel à varanda. Sente-se com ele nas poltronas de vime e estique a conversa.

— E daí?

— Daí? — repetiu John Martin, com igual cinismo ao do filho. — Daí que vocês ficarão conversando e Preston fará o resto. Ê ótimo atirador de rifle.

— Você vai mandar Preston matar...?

— Exato. E quem poderia ter motivos para matar Joel, filho? Quem brigou com ele no povoado, quebrando-lhe a cara diante de todos?

Um sorriso alvar distendeu os lábios finos do rapaz.

— Pai, você pensa com a cabeça!

— Certo, filho. Graças a isso, acabaremos sendo os senhores absolutos da comarca.

* * *

Sam Giles não aceitava a idéia de Nestor Holmes ter desviado o leito do riacho com a finalidade malévola de levar os rancheiros vizinhos à falência. Também não acreditou que Francis Dell estivesse aliado a Holmes para arruinar esses rancheiros. Para ele, o único dotado de maus sentimentos, era John Martin, cujo filho herdara quase todas as suas falhas de caráter. Por isso, negligenciou a respeito de Holmes e Dell, passando a vigiar, na medida do possível, os movimentos dos Martin.

Para isto dispôs-se a acampar em um bosque próximo ao Rancho Martin, e no qual havia um caminho obrigatório de acesso. Acampou discretamente sem fogueirinha porque era verão, e as noites chegavam a ser desagradáveis para quem dormia dentro de casa. Somente os mosquitos o importunavam.

Foram três dias cansativos, durante os quais ele dormiu mal e comeu coisas que trouxera já cozidas. Mas o seu sacrifício foi altamente recompensado porque, ao anoitecer do quarto dia, ouviu ruído de trotes no caminho e se ocultou

entre os troncos para observar. Estava quase à beira do caminho, porque tencionava identificar os cavaleiros e, se possível, ouvir a sua conversa.

— Palavra que não entendo o patrão — declarou Elvis Brutus, o vice-capataz dos Martin. — Primeiro nos manda arriscar a pele contra George Preston, expulsando-o das suas terras, para agora nos mandar procurá-lo a qualquer custo.

— Deve ter os seus motivos, Elvis — ponderou seu acompanhante, vaqueiro dos Martin.

— Todos têm motivos para tudo, seu estúpido! — irritou-se Brutus. — Resta saber se são justos.

— Desculpe dizer, Elvis, mas se eu fosse você, não discutiria as ordens do patrão — meteu-se outro vaqueiro.

— Não me aborreça! — rosnou Brutus. — Desta vez eu me considero no direito de saber tudo. Afinal, devo ficar às boas com um sujeito perigoso que há poucos dias quase me estourou a cabeça com uma bala. Ainda não perdoei o cretino por ter estragado o meu chapéu novo — enfiou um dedo no buraco de bala do chapéu.

Os outros riram e ele acabou também rindo, mas insistiu:

— Não estou gostando! De qualquer forma, vamos ser muito cautelosos com esse homem, se o encontrarmos, o que eu duvido muito.

— O patrão disse que ele está com os seus homens naquela cabana de troncos da serra, nas terras do velho Holmes — afirmou o vaqueiro que falara primeiro. — Ele sempre sabe o que diz.

— É justamente isso que me incomoda — grunhiu Brutus. — Além de perigoso, cercado de seus bandidos.

— Chegaremos em tom de paz — lembrou o mesmo vaqueiro. — Hastearemos um pano branco e gritaremos o nome do patrão, como ele mandou.

Elvis Brutus encolheu os ombros e outro vaqueiro indagou, bem alto:

— Quem está querendo eliminar o patrão?

— Pergunte a ele, Dennis! — rosnou Brutus. — Não estou autorizado a revelar.

— Está bem, não precisa irritar-se.

O grupo se afastou e Sam Giles, pálido, lembrou-se de uma porção de gente que John Martin podia estar querendo eliminar com o auxílio de George Preston. Angustiado, decidiu seguir aquele grupo para tentar descobrir a verdade. Voltou a uma clareira do pequeno bosque onde deixara a sua montaria, encilhou-a depressa, montou e partiu em seguida, mantendo-se a uma distância prudente dos homens de Martin.

Felizmente a noite estava escura e não podiam vê-lo, mas, em compensação, ele podia seguir aqueles homens ouvindo o ruído dos cascos dos seus cavalos. Como dissera o vaqueiro chefiado por Brutus, o grupo seguiu diretamente para uma encosta onde ficava a velha cabana de troncos, verdadeira fortaleza que Nestor Holmes mandara erguer como abrigo para os seus vaqueiros quando campeassem gado nas noites de inverno.

— Aposto como os Martin querem acabar comigo... — murmurou Giles, quando os vaqueiros começaram a subir a encosta. — Só espero poder ouvir algo útil.

Também começou a subir, após apear para envolver as patas do cavalo com o seu lenço de pescoço e pedaços da sua camisa grossa a fim de evitar que o choque das ferraduras nas pedras do caminho denunciasse a sua presença.

Após quase quinze minutos de subida, por um caminho muito estreito, ele avistou labaredas saindo da chaminé de pedras da cabana de troncos dos vaqueiros de Holmes.

É natural acenderem grande fogo, pensou. Esse Preston tem muitos homens e todos devem comer como lobos.

Esse pensamento levou-o a imaginar uma grande panela de ferro, cheia de guisado quentinho, e sentiu um buraco no estômago. Fazia três dias completos, e quase meio, que se alimentava mal, no bosque.

CAPÍTULO SÉTIMO

Felicidade com muito sangue

Sam Giles não pôde conter um ligeiro estremecimento de susto quando um dos sentinelas da casa de troncos, com um disparo de revólver "45", gritou:

— Quem vem lá!

O grito fora dirigido ao grupo de vaqueiros, mas ele tomou-o, momentaneamente, como para a sua pessoa e levou, por instinto, a mão ao revólver, que passara a usar desde que acampara no bosque.

— John Martin! — respondeu Elvis Brutus, com um vozeirão. — Viemos a mando de John Martin!

— Não se aproximem! Esperem.

Sam Giles ouviu nitidamente interromper-se o ruído de cascos nas pedras do caminho de acesso à cabana de troncos. Pouco depois, a mesma voz indagou:

— Que deseja esse homem?

— Temos um recado dele para George Preston — gritou Brutus.

— Senhor George Preston...! — corrigiu o indivíduo. — Que recado?

— O patrão exigiu que fosse dado pessoalmente a... ao senhor George Preston.

— Espere.

Pouco depois uma voz diferente se fez ouvir dentro da noite:

— Quantos são vocês?

— Oito.

— Para que tanta gente? Não podem ter vindo em tom de paz, como você alegou ao chegar.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio, sem dúvida por ter o argumento desconcertado Elvis Brutus, deixando-o sem palavras. Finalmente ele rebateu:

— O patrão quis que a coisa fosse importante e mandou uma comitiva.

Novo silêncio.

— Larguem as armas, deixem os cavalos onde estão e se aproximem vinte passos — ordenou a mesma voz.

Os homens de Martin obedeceram e só então Sam Giles pôde ver quem estivera falando: o próprio George Preston, à luz de um archote de trapos banhados em óleo de lamparina, que desprendia muita fumaça negra.

— Muito bem, qual o recado? — exigiu Preston.

— Bem... É confidencial.

— Não há coisas confidenciais para os meus homens. Fale!

A rápida descrição que Brutus fez do plano de seu patrão estarreceu tanto Sam Giles como os próprios vaqueiros de Martin. Para concluir, Brutus declarou:

— O patrão está disposto a pagar mil dólares pelo trabalhinho.

— Trabalhinho... — ironizou Preston. — Quem ele pensa que sou? Algum pedinte? Diga ao imbecil que não trabalho por menos de cinco mil dólares, e assim mesmo porque estou há dias parado, sem um bom serviço à vista. Vamos, retire-se e vá levar a minha resposta.

— Sim... senhor George Preston! — resmungou Brutus, dando meia-volta.

Seus acompanhantes fizeram o mesmo e pouco depois montavam, dispostos a partir em seguida.

Sam Giles compreendeu que lhe seria impossível descer com a devida rapidez o estreito caminho tortuoso, da encosta, e optou por se refugiar no mato, dando de comer ao cavalo um pedaço de broa de centeio que trazia num alforje, para evitar que relinchasse. Ouviu o ruído dos cascos dos cavalos dos vaqueiros e aguardou mais uns minutos para encetar a descida, escolhendo um corte perigoso, na mesma encosta, para adiantar-se àqueles homens.

Sua primeira idéia foi a de ir ao Rancho Holmes para alertar o pai de Nancy, mas logo a rejeitou porque, tendo esmurrado Joel, sem dúvida seria mal recebido, talvez a tiros.

Que fazer?

Lembrou-se do xerife Bellamy e dos rancheiros prejudicados, não hesitando em fustigar impiedosamente a montaria para forçá-la a um alucinante galope, com risco de estourá-la antes de chegar ao povoado.

A certa altura tencionou as rédeas para fazer diminuir aquela corrida louca, pois compreendeu que os homens de Martin gastariam bom tempo na ida e volta ao rancho do patrão.

Chegou a Doodle com a montaria a trote forçado e apeou com ela em movimento, diante da delegacia, entrando intempestivamente a ponto de fazer Bellamy levar depressa a mão ao Colt de serviço.

— Sam...! Está fugindo do diabo...?

— Descobri tudo, xerife! — disse o rapaz, ofegante. — John Martin está usando Holmes e Dell involuntariamente

para ajudarem-no a arruinar os rancheiros vizinhos e se apoderar, por ninharias, de toda a comarca.

— Calma, homem, sente e tome um gole — sorriu Bellamy, estendendo uma garrafinha achatada, com bom uísque.

Sam Giles aceitou, sentou-se e lhe relatou tudo o que se passara. Quando terminou, Bellamy foi ao armeiro, pegou dois rifles Winchester e jogou um para ele, dizendo:

— Usando das atribuições que me confere o meu cargo, eu o nomeio meu auxiliar provisório, com todos os direitos e deveres correspondentes, Sam Giles. Vamos!

— Para onde, xerife?

— Buscar os rancheiros lesados.

— Vamos!

Saíram da delegacia e Bellamy arranjou para Sam Giles um corcel descansado. Partiram em seguida.

Cavalgaram forçando as montarias, pois deviam ir a todos os ranchos vizinhos antes de visitarem os rancheiros Francis Dell e Nestor Holmes.

Gastaram quase duas horas, mas, ao se aproximarem, finalmente, do Rancho Holmes, comandavam verdadeiro destacamento de cavalaria dispostos a tudo, Mais de duzentos homens enfurecidos, ansiosos para exterminar o bando de George Preston e eliminar os Martin.

Ouvindo os comentários dos que estavam mais próximos, o xerife ergueu o braço para que a coluna parasse, e, empertigando-se para ficar de pé nos estribos, gritou:

— Vamos capturar George Preston e seu bando, eliminando os que oponham resistência. Mas ninguém tocará em um fio de cabelo de John e Jess Martin! É uma ordem do xerife de Doodle! Quem desobedecer será preso e julgado. Entendido?

— Entendido!

A resposta foi verdadeiro ronco das duzentas e tantas vozes masculinas.

— Muito bem! — continuou Bellamy. — Conforme ficou combinado, ao nos aproximarmos do Rancho Holmes nosso pelotão será dividido em dois grupos aproximadamente iguais, ficando um sob o meu comando e o outro sob a orientação do meu auxiliar provisório Sam Giles. Procederemos conforme Sam Giles explicou antes de partirmos, cumprindo à risca o seu plano, que considero excelente. Entendido?

Novo ronco de confirmação.

Em frente!

O destacamento de cavalarianos se pôs novamente em marcha, agora todos silenciosos porque se aproximavam do Rancho Holmes. A despeito do silêncio, somente cortado pelo ruído das centenas de patas de cavalos no terreno arenoso do caminho, Ralph Bellamy falou baixo a um dos rancheiros:

— Senhor Dell, como amigo chegado do senhor Holmes, entrará primeiro em seu rancho, acompanhado de alguns dos seus vaqueiros. Entendido?

— Entendido.

— Nosso pelotão aguardará a uma distância prudente. Assim que o senhor tenha cientificado Nestor Holmes, e os filhos, dos propósitos de John Martin e do nosso plano sairá à varanda e riscará três fósforos em seguida, jogando-os para o alto. Entendido?

— Entendido.

— Vá em frente.

Francis Dell avançou com oito dos seus homens e estes logo se dirigiram aos vigilantes dos Holmes, explicando-lhes ligeiramente o motivo da visita. Estes se apressaram a

comunicar o fato aos companheiros e, num instante, quase outra centena de peões estavam reunidos diante do grande celeiro, todos armados de revólveres e rifles, à espera de instruções para agir.

Passaram-se quinze minutos, que a Sam Giles e Ralph Bellamy, pareceram séculos, até que ambos viram as três chaminhas voarem, na varanda do rancho. Imediatamente o destacamento foi dividido em dois pelotões, tomando Sam Giles a iniciativa de também mobilizar os vaqueiros dos Holmes, fornecendo quarenta e tantos deles a cada pelotão. Em seguida os pelotões se afastaram em um movimento de pinça para envolverem as construções do rancho, de boa distância, e, apeando, afastaram-se a pé.

Meia hora depois, os trezentos e tantos homens estavam estrategicamente distribuídos, atentos aos pontos dos quais seria possível a um bom atirador de rifle alvejar alguém na varanda do rancho. Tanto Sam Giles como Ralph Bellamy e os demais rancheiros testemunharam a chegada dos Martin, em bonita charrete, não estranhando vê-los escoltados por duas vintenas de vaqueiros, os quais estacaram as montarias, à porteira e desmontaram, aparentemente dispostos a esperar pela saída do patrão.

O jantar de aniversário da graciosa Nancy Holmes foi arrastadíssimo, demorando quase três horas, com o que contavam os Martin para o seu gatilho de aluguel, pistoleiro George Preston, situar-se em posição adequada ao tiro fatal que eliminaria Joel Holmes e comprometeria definitivamente Sam Giles.

Seria um lance de mestre que desencadearia uma porção de acontecimentos correlatos destinados a colimarem com a posse definitiva, pelos Martin, de todos os ranchos da comarca de Doodle.

O jantar propriamente dito começou às oito, só terminando às quinze para as onze, quando, seguindo as instruções transmitidas pelo rancheiro6 Francis Dell, o jovem Joel Holmes deixou-se levar pelo braço, para a varanda, pelo cínico Jess Martin.

— Que tal sentarmos para conversar um pouco. Joel? — propôs Jess Martin, com um grande sorriso, indicando duas poltronas de vime perfeitamente visíveis de uma elevação do terreno aos cinquenta metros de distância.

— Se vamos ser cunhados, será bom aprendermos a conversar enquanto Nancy providencia um café e os charutos... — respondeu Joel Holmes, esforçando-se para ser muito natural.

Na realidade, sentia o coração dar pinotes, temendo que os defensores do rancho falhassem em algum detalhe e George Preston o despachasse com um tiro na cabeça, ou no peito.

Sentaram-se e cruzaram as pernas, com Jess Martin falando pelos cotovelos, visivelmente excitado ante a perspectiva de mais um grande lance no sentido de torná-lo, e ao pai, os senhores absolutos de Doodle.

Nancy, também devidamente orientada, e igualmente de coração aos saltos, trouxe uma bandejinha com xícaras de café e elegante caixinha de charutos, com os fósforos.

Assim que entregou as xícaras e deixou na mesa, diante das cadeiras de vime, a bandejinha e os charutos, com os fósforos, pediu licença e se retirou, entrando depressa na sala, com um suspiro de alívio.

Foi como se, ao riscar um fósforo para acender o charuto da vítima, Jess Martin houvesse aceso o estopim do inferno que se abateu sobre o Rancho Holmes.

Mais de trezentos fuzis e revólveres foram disparados quando, negando-se a se entregar a Sam Giles, o pistoleiro

George Preston, deitado na terra da elevação do terreno, saltou e, largando o rifle, empunhou as armas.

Morreu crivado de balas, porque Sam Giles já disparava o seu Colt ligeiro e não era nenhum tolo no manejo dessa arma.

Os homens de Preston, postados alguns metros mais atrás, também reagiram, agitando-se quais bonecos de engonço aos impactos das balas de grosso calibre das armas dos trezentos e tantos homens de Sam Giles e Ralph Bellamy.

Os vaqueiros de John Martin cometeram a estupidez de intervir na luta atacando o lado errado e não viveram para contar a história.

Cessado o inferno de estrondos, labaredas, silvos de balas, fumaça acre e gritos de morte, reinou um silêncio dantesco sobre os mais de cem cadáveres, sendo sessenta e oito dos homens de George Preston, incluindo o seu, e quarenta e tantos dos vaqueiros de John Martin.

Cadavericamente pálidos, boquiabertos, atônitos, os ambiciosos e desumanos John e Jess Martin, pai e filho, ficaram imóveis na varanda, apoiados na balaustrada, com a sensação de que o mundo desabara sobre as suas cabeças. E seu desespero aumentou quando eles viram subirem a escada da varanda Sam Giles, o xerife Bellamy c os rancheiros que eles pretenderam arruinar, todos solidários com Francis Dell e sorridentes para Nestor Holmes e família.

— John Martin e Jess Martin, estão detidos em nome da Lei, por mandar assassinar diversas pessoas da comarca, incluindo o comerciante Joseph Cohen e o xerife Moses Giles, mas também por haverem contratado George Preston e seu bando para assassinar Joel Holmes e lançarem a culpa em Sam Giles, visando afastarem-no do caminho e

continuarem arruinando impunemente vários rancheiros, até se tornarem os donos exclusivos da comarca de Doodle. Serão igualmente responsabilizados pelo extermínio de cento e tantos homens, bandidos de George Preston e vaqueiros de seu próprio rancho. Creiam que será um prazer esticar as cordas com que serão enforcados.

Foi uma declaração excessivamente longa, mas perdoável em razão do entusiasmo do xerife.

Jess Martin, demonstrando ser mesmo um mariquinhas, soltou um gritinho e desmaiou nos braços do pai, que, de pernas inseguras, não resistiu ao seu peso e caiu sentado, com um gemido de horror.

— Sam...! — gritou Nancy Holmes, atirando-se nos braços do rapaz com tal entusiasmo que ele se encostou na balaustrada para não imitar John Martin caindo sentado. — Perdão, Sam! Perdão!

Acariciando seus cabelos muitos louros, Sam Giles sorriu e, olhando para Nestor e Joel Holmes, declarou:

— O momento é meio lúgubre, mas não quero perder a oportunidade para dizer que ambos terão de me aturar em família pelo resto de suas vidas. A menos que se neguem a devolver o riacho ao seu antigo curso...

— Mandarei fazer isso amanhã mesmo, a começar o dia! — exclamou Nestor Holmes, feliz da vida.

Joel Holmes se aproximou e, batendo de leve no ombro do rapaz, declarou:

— Considero muito bem empregados aqueles murros, Sam. Eu mereci.

— Não pense que com isso deixará sobre os meus ombros a trabalheira de cuidar de dois ranchos enormes, seu sabidão — rebateu Sam Giles, sorridente. — Vamos competir o tempo todo para ver quem produz mais reses, de primeira, mais depressa.

— Isso é com os touros e as vacas — meteu-se o xerife Bellamy, tapando depressa a boca, encabulado.

A risada, que começou com os rancheiros na varanda, estendeu-se por todo o destacamento reunido em torno da grande casa e Bellamy desceu correndo a escada, saltou para a sela do seu cavalo e partiu com ele a galope, considerando-se o mais inconveniente de todos os xerifes, em todos os tempos.

FIM

GRANDE PROMOÇÃO

A EDITORA MONTERREY está oferecendo aos seus leitores, com um desconto de 50% (cinqüenta por cento), os livros relacionados nas páginas seguintes.

Ao solicitar os livros não se esqueça de mencionar o código, o título, o preço e o desconto a que tem direito.

Faça hoje mesmo o seu pedido, pois esta promoção é limitada.

A **EDITORA MONTERREY** também pode lhe oferecer pelo **Reembolso Postal** os livros de sucesso das melhores editoras do Brasil.

EDUCAÇÃO SEXUAL E LITERATURA ERÓTICA

RC-259	COM SEXO, SEM SEXO — Romance erótico — Guayanaz Galhardo	Cr$	500,00
RC-235	COMO PERMANECER JOVEM TODA A VIDA — Clement G. Martin	Cr$	500,00
AV-045	COMO TRATAR AS MULHERES — O manual do amor — William Camus	Cr$	700,00
NF-148	DOA A QUEM DOER — A verdade sobre o sexo — Len Deighton	Cr$	700,00
RC-258	DON JUAN OU O DEMÔNIO DO SEXO — A vida fascinante de Lord Byron — O. Orico	Cr$	500,00
RC-257	ESCOLA DO AMOR E DO CASAMENTO — O. Karsten	Cr$	900,00
AV-046	ESTAS FOTOS FORAM MANDADAS PARA SUA ESPOSA — Philip Loraine	Cr$	600,00
AV-057	MACHO E FÊMEA — O descontrole sexual — Antony Burges	Cr$	700,00
RC-233	MULHERES APAIXONADAS — Amor, sexo e corrupção — D. H. Lawrence	Cr$	1.500,00
RC-250	MUROS ALTOS — O trauma sexual — Cassandra Rios	Cr$	1.100,00
AV-040	O AMOR ME DA FOME — Christine de Ryvoire	Cr$	800,00
RC-238	O DEVASSO — O sexo em primeiro plano — Norman Norgber	Cr$	1.000,00
RC-251	O GAMO E A GAZELA — Cassandra Rios	Cr$	900,00
HM-049	O HOMEM ERÓTICO — A nova modalidade do sexo — Warren	Cr$	500,00
RC-246	O HOMEM NU — Comédia erótica — F. Sabino	Cr$	700,00
RC-260	O MARIDO FIEL, ESSE CHATO — Carlos Renato	Cr$	600,00
RC-237	O MATRIMÔNIO PERFEITO — Van de Velde	Cr$	900,00
RC-236	O MISTÉRIO DAS VIÚVAS — Maria Faglas	Cr$	700,00
RC-255	O POBRE HOMEM RICO — Romance apaixonante — Irwing Shaw	Cr$	1.900,00
RC-239	O SEXO FORTE — Os valores sexuais — Louis Gould	Cr$	800,00
RC-256	O VÍNCULO DO PRAZER — O sexo em nova dimensão — Johnason	Cr$	800,00
RC-240	OS HIPÓCRITAS — O sexo sem amor — Grace Metallous	Cr$	700,00

RC-241 OS MALDITOS — As anomalias sexuais — John Macdonald ..... Cr$ 600,00
RC-242 OS TIRANOS — Os maníacos do sexo — Samuel Edwards ..... Cr$ 1.100,00
AV-071 PEDAGOGIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL — O sexo na escola — Claude Legaune ..... Cr$ 500,00
RC-247 RELAÇÕES PROIBIDAS — Alan Waugh .... Cr$ 600,00
RC-234 SETENTA E NOVE, PARK AVENUE — A esquina do amor e das depravações amorosas — Harold Robbins ..... Cr$ 900,00
AV-054 SEXO PARA PRINCIPIANTES — Robert Chartan ..... Cr$ 700,00
RC-244 TODA MULHER PODE — David Reuben ... Cr$ 1.100,00
RC-245 TUDO O QUE VOCÊ QUERIA SABER SOBRE SEXO, MAS TINHA MEDO DE PERGUNTAR — D. Reuben ..... Cr$ 1.100,00
CB-045 ÚLTIMO TANGO EM PARIS — Robert Alley Cr$ 700,00
RC-252 UM ESCORPIÃO NA BALANÇA — O mistério do amor — Cassandra Rios ..... Cr$ 900,00
RC-253 UMA VEZ SÓ É POUCO — O retrato da audácia — Jacqueline Susann ..... Cr$ 1.400,00

ELETRÔNICA E ELETRICIDADE

AT-001 ABC DA ELETRICIDADE — Howard W. Sams Cr$ 800,00
AT-002 ABC DA ELETRÔNICA — Earl J. Waters ... Cr$ 800,00
AT-003 ABC DAS ANTENAS — Allan Lytel ..... Cr$ 800,00
AT-004 ABC DO RÁDIO MODERNO — Walter G. Salm ..... Cr$ 800,00
AT-014 ABC DOS COMPONENTES ELETRÔNICOS — Waters ..... Cr$ 1.000,00
AT-006 ABC DOS TRANSFORMADORES E BOBINAS — Edward J. Bukstein ..... Cr$ 800,00
AT-005 ABC DOS TRANSISTORES — George B. Mann Cr$ 800,00

Esta relação é uma continuação da publicada no n.º 95 da Coleção OESTE PERIGOSO e tem sua seqüência no n.º 242 da Coleção H. H. (Guerra).

Faça hoje mesmo o seu pedido para:
EDITORA MONTERREY LIMITADA
Departamento de Reembolso Postal
Rua Visconde de Figueiredo nº 81
Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09
20.550 — Tijuca — Rio de Janeiro

JÁ CHEGOU

EM TODAS AS BANCAS

★

COLEÇÃO

CHUMBO MORTAL

O MELHOR BANGUE BANGUE DO OESTE NORTE-AMERICANO.

★

NOVELAS INÉDITAS

★

PEÇA AO JORNALEIRO

EDITORA MONTERREY

PREÇO DESTE EXEMPLAR: **Cr$ 150,00**